



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

NICOLE GUIMARÃES CORRÊA

**GEOGRAFIA E ENSINO: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE RURAL E
URBANO DE ALUNOS DO 9º ANO DA ESCOLA NO CAMPO JAQUARA II EM
MONTE ALEGRE-PARÁ**

SANTARÉM-PA

2023

NICOLE GUIMARÃES CORRÊA

GEOGRAFIA E ENSINO: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE RURAL E URBANO DE ALUNOS DO 9º ANO DA ESCOLA NO CAMPO JAQUARA II EM MONTE ALEGRE-PARÁ

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Oeste do Pará, sob a orientação da Profa. Alice Ferreira Rodrigues Dias.

SANTARÉM-PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

C824g Corrêa, Nicole Guimarães
Geografia e ensino: uma análise das concepções de rural e urbano de
alunos do 9º ano da Escola no Campo Jaquara II em Monte Alegre - Pará./
Nicole Guimarães Corrêa. – Santarém, 2023.
82 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientadora: Alice Ferreira Rodrigues Dias.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do
Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Ciências Huma-
nas, Licenciatura em Geografia.

1. Ensino de geografia. 2. Educação do campo. 3. Rural e urbano. I. Dias, Ali-
ce Ferreira Rodrigues, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 910.7

NICOLE GUIMARÃES CORRÊA

GEOGRAFIA E ENSINO: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE RURAL E URBANO DE ALUNOS DO 9º ANO DA ESCOLA NO CAMPO JAQUARA II EM MONTE ALEGRE-PARÁ

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Oeste do Pará, sob a orientação da Profa. Alice Ferreira Rodrigues Dias.

Conceito: 10

Data de aprovação: 06 de janeiro de 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dr^a. Alice Ferreira Rodrigues Dias (Orientadora)

Profa. Dr^a. Maria Júlia Veiga da Silva (examinadora interna)

Profa. Dr^a. Maria Betanha Cardoso Barbosa (examinadora interna)

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Ao(s) 06 (seis) dias do mês de janeiro de dois mil e vinte e três, na cidade de Santarém, Estado do Pará, realizou-se na Unidade Rondon do **Campus de Santarém** da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) para a sessão pública de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido pelo (a) discente Nicole Guimarães Corrêa, intitulado “**Geografia e Ensino : uma análise das concepções de Rural e Urbano de alunos do 9º ano das escolas no campo Jaquara II em Monte Alegre - Pa**”, sob orientação do docente Profa. Dra. Alice Ferreira Rodrigues Dias, desta Instituição. A banca examinadora foi composta pela docente orientadora citada e pelas docentes Prof.^a Dra. Maria Júlia Veiga da Silva (examinadora interna) e Prof.^a Dra. Maria Betanha Cardoso Babosa (examinadora interna). Após a defesa, análise do TCC, arguição da autora e considerando a qualidade deste trabalho enquanto produto de uma pesquisa científica, a banca deferiu a (X) aprovação / () reprovação do TCC, resultando a nota 1,0 para o autor (a) . Proclamamos os resultados pelo coordenador da banca, foram encerrados os trabalhos e para constar, eu, Prof.^a Alice Ferreira Rodrigues Dias, lavrei a presente ata, que deverá ser assinada pela autora do trabalho e membros da banca examinadora.

Autor(a): Nicole Guimarães Corrêa

Matrícula: 201600761

Presidente da Banca e Orientador (a): Alice Dias

Examinadora Interna: Maria Betanha Cardoso Babosa

Examinadora interna: Maria Júlia Veiga da Silva

Dedico a minha avó Gracilene Miranda Mota (In memoriam) que infelizmente, não se faz presente no fim desse ciclo, mas que sempre foi minha luz e inspiração para seguir nos caminhos da docência. Não pôde estar fisicamente comigo neste momento, no entanto, estará sempre em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a toda a minha família que sempre foram meus maiores incentivadores, sou privilegiada de ter pessoas que acreditaram em mim e me apoiaram nos diversos momentos que pensei em desistir, agradeço pelas palavras de afeto e de apoio emocional.

Agradeço especialmente, aos meus pais Diane e Riolen, meus principais incentivadores nos estudos que nunca pouparam esforços para que eu almejassem meus objetivos, sou imensamente grata pelo apoio, amor e paciência em respeitar meus processos. São os meus maiores exemplos não somente como pais, mas também como profissionais da educação, tenho imenso orgulho de segui-los juntamente nesta jornada.

Não poderia esquecer dos meus irmãos Taliane e Jackov que estiveram presentes durante esse período que sempre me apoiaram e me incentivaram.

No mais, agradecer com todo o coração aos meus amigos sem exceção. Especialmente a Joice Portela, Larissa Sousa e Ana Cristina na qual tive a oportunidade de dividir momentos de alegrias e tristezas dentro e fora da universidade, tenho imenso orgulho de tê-las como amigas.

Agradeço a minha orientadora Alice Dias na qual tive a imensa oportunidade de ser orientanda, sou imensamente grata aos incentivos e apoio nas orientações e não ter poupado esforços para que a pesquisa se realizasse da melhor forma possível.

Não poderia deixar de agradecer também a Professora Maria Betanha Cardoso e Maria Salomé pelos incentivos e puxões de orelha e por todo o apoio, afeto e suporte emocional.

“O campo e a cidade é diferente pois na cidade temos poucas plantações e agricultura e no campo podemos ver muitas plantações e criações. O lugar onde eu vivo é um lugar bem calmo, diferente da cidade com muito movimento de carros e pessoas.” (aluno 9º ano)

RESUMO

A presente pesquisa é referente a temática do Ensino de Geografia no âmbito da Educação do Campo, especificamente na Amazônia paraense, pois é de relevância visibilizar e discutir as diferentes realidades de ensino amazônicas, em razão de possibilitar uma reflexão sobre a formação docente e as práticas de ensino voltadas para estas populações. Mediante este contexto, o objetivo principal deste trabalho foi conhecer as concepções dos alunos sobre as categorias de Rural e Urbano e, respectivamente, seus pares indissociáveis, campo e Cidade e suas relações. Partindo desse pressuposto, a questão norteadora são as concepções que os estudantes da escola Jaquara II, localizada na zona rural em Monte Alegre- Pará, possuem das formas e conteúdos dessas categorias, considerando sua leitura espacial a partir de seu lugar de vivência, ou seja, o campo. Os objetivos específicos são: identificar como os alunos concebem essas categorias a partir do seu lugar de vivência; conhecer o vínculo de pertencimento tendo como referência os espaços rurais e urbanos; Interpretar a leitura espacial que eles possuem sobre as relações existentes entre campo e cidade e por último, refletir sobre a importância do ensino da geografia na leitura espacial rural-urbano. Metodologicamente realizaram-se a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com aplicação de questionário aberto. Evidenciou-se que os alunos concebem a relação rural-urbana de forma oposta principalmente referente as relações econômicas e relações distintas quanto ao modo de vida, ou seja, a concepção dicotômica ainda se faz presente na leitura da realidade, portanto, esse pesquisa nos faz refletir sobre a prática de ensino e a formação docente no sentido de construir uma geografia crítica e não apenas reprodutora de velhos paradigmas.

Palavras chaves: Ensino de Geografia. Educação do Campo. Rural e Urbano.

ABSTRACT

The present research is related to the theme of Teaching Geography in the scope of Rural Education, specifically in the Amazon of Pará, as it is relevant to make visible and discuss the different realities of Amazonian teaching, in order to allow a reflection on teacher training and practices of education aimed at these populations. In this context, the main objective of this work was to know the students' conceptions about the categories of Rural and Urban and, respectively, their inseparable pairs, countryside and City and their relationships. Based on this assumption, the guiding question is the conceptions that students from the Jaquara II school, located in the rural area in Monte Alegre- Pará, have of the forms and contents of these categories, considering their spatial reading from their place of experience, that is, the field. The specific objectives are: to identify how students conceive these categories from their place of experience; to know the bond of belonging with reference to rural and urban spaces; Interpret the spatial reading that they have on the existing relations between countryside and city and finally, reflect on the importance of teaching geography in rural-urban spatial reading. Methodologically, bibliographic research and field research were carried out with the application of a questionnaire. It was evidenced that the students conceive the rural-urban relationship in an opposite way, mainly referring to economic relationships and different relationships regarding the way of life, that is, the dichotomous concept is still present in the reading of reality, therefore, this research makes us reflect on teaching practice and teacher training in order to build a critical geography and not just reproduce old paradigms.

Keywords: Teaching of Geography. Field Education. Rural and. Urban.

LISTA DE SIGLAS

MEC- Ministério da Educação

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra

SOME- Sistema de Organização Modular de Ensino

ACAPAPJ- Associação Comunitária Ambiental dos Produtores agrícolas e Pescadores do Jaquara

PPP- Projeto Político e Pedagógico

FPEC- Fórum Paraense de Educação do Campo

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa de Localização da Comunidade de Jaquara -Pará.....	47
Figura 2- Mapa de Localização da Escola de Jaquara II-Pa.....	48
Figura 3- Vista Panorâmica da Escola Jaquara II.....	52
Figura 4- Vista frontal da Escola Jaquara II.....	52

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1- Origem e Significado de Campo e Cidade.....	42
Quadro 2 Demonstrativo dos Níveis de Ensino, turmas e nº de alunos.....	51
Quadro 3- Definições de concepção.....	55
Quadro 4- Frases sobre a concepção de Rural e Urbano	61
Quadro 5 -Separação e agrupamentos de palavras referente ao campo	61
Quadro 6 Separação e agrupamentos de palavras referente à cidade	62
Quadro 7- Palavras atribuídas ao Campo.....	67
Quadro 8- Palavras atribuídas à cidade.....	68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Seleção de elementos que os alunos atribuíram ao campo.....	60
Gráfico 2- Escolhas para viver entre Campo e Cidade	66
Gráfico 3- Concepções das relações entre campo e cidade.....	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	EDUCAÇÃO NO CAMPO E ENSINO DE GEOGRAFIA: ORIGEM E PERCURSO.....	19
2.1	Da educação rural à educação do campo	19
2.2	Os desafios da educação do campo mediante a realidade de Ensino na Amazônia Paraense	25
2.3	O Ensino da Geografia no contexto da Educação do Campo e na compreensão do lugar	30
3	DISCUSSÕES SOBRE RURAL E URBANO, CAMPO E CIDADE E SUAS (CO) RELAÇÕES	35
3.1	As categorias de rural e urbano, campo e cidade no Brasil Contemporâneo.....	35
3.2	Representações: idealizações e oposições sobre a relação campo e cidade	40
4	ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE RURAL E URBANO.....	45
4.1	Apresentação do recorte espacial de pesquisa: Comunidade de Jaquara.....	46
4.2	Caracterização da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Jaquara II	50
4.3	Caminhos Metodológicos da pesquisa	53
4.4	Análise das concepções sobre Rural e Urbano, Campo e Cidade	57
4.5	Reflexões necessárias sobre o Ensino de Geografia	72
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS.....	79
	APÊNDICE: QUESTIONÁRIO	81
	ANEXO: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	82

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é resultado de uma análise a respeito das concepções sobre Rural, Urbano e respectivamente campo e cidade dos alunos do 9º ano de uma escola pública da rede Municipal de ensino Jaquara II, localizada na Zona Rural do município de Monte Alegre/Pa.

A temática refere-se ao ensino de Geografia no âmbito da Educação do campo, levando em consideração a Amazônia Paraense como referência, tendo em vista que o foco principal de análise é o Rural e Urbano e suas relações.

Haje (2005) afirma que a Amazônia é heterogênea no sentido cultural e social, nesse contexto engloba os povos das águas e das florestas representado pelo quilombola, indígena, ribeirinho, assentados entre outros. De acordo com essa conjuntura o projeto de Educação do Campo se concretiza e se interioriza na diversidade amazônica. Caldart (2012) defende que esse modelo de educação busca respeitar as particularidades e especificidades do campo, porém, estudos apresentados por Haje (2005) afirmam que na realidade local há inúmeros problemas na efetivação desta política pública que resiste contra antigos paradigmas tradicionais e problemas estruturais presentes nas esferas educacionais.

Esta modalidade de ensino nasce da reivindicação dos sujeitos do campo, juntamente com os movimentos sociais na proposta de construir uma educação que respeite suas particularidades culturais e sociais, na qual inclui a construção de um currículo adequado para as diferentes realidades assim como, proporcionar a formação docente e continuada para o incentivo do exercício da cidadania e na demanda de políticas públicas para o campo, por esse motivo torna-se importante essa temática, em questão de visibilizar as realidades amazônicas esquecidas pelo Estado.

O objetivo principal deste trabalho foi identificar as concepções dos alunos do 9º ano sobre Rural e Urbano e, respectivamente, campo e cidade, partindo dos pressupostos que são indissociáveis, e mais especificamente, analisar a leitura geográfica das relações existentes entre essas categorias, considerando o campo como lugar de vivência. Um dos fundamentos norteadores dessa pesquisa parte de inquietações surgidas na graduação, tendo em vista a minha própria experiência não

somente como pesquisadora, mas sobretudo, como moradora do campo, especificamente, do recorte espacial presente.

Logo, torna-se pertinente o questionamento sobre a maneira que o rural e campo, urbano e cidade são percebidos no sentido de ensino aprendizagem pensando em questão de mediação didática, quanto a entender como esses sujeitos percebem o lugar (campo) na qual estão inseridos, ou seja, a leitura geográfica que possuem.

Essas inquietações estão embruscadas nas formas simplistas e reducionistas muitas das vezes estereotipadas que essas categorias são representadas no meio social, incluindo diversos veículos de informação, inclusive a escola, livros didáticos e as mídias. Observa-se que essas representações obscurecem o entendimento verdadeiro existente na relação entre campo e cidade. Bagli (2006) ressalta a construção dos mitos e oposições surgidas sobre os mesmos, essa lógica não considera as especificidades e os processos históricos referente a interação entre ambos as categorias. O campo é pensado de maneira distinta que se opõe a cidade, por consequência, essa distinção fortalece uma visão distorcida de que o campo é sinônimo de “atraso” e a cidade de desenvolvimento e “civilidade”, portanto, é necessário desconstruir a visão dicotômica existente haja vista, que não corresponde em explicar a realidade atual.

Nesse contexto, a geografia enquanto disciplina na educação básica é de extrema importância na contribuição no modo de pensar nas lógicas espaciais e na criticidade dos educandos, esse processo está ligado aos conhecimentos individuais do aluno e das práticas de ensino do professor, ou seja, está relacionado na mediação realizada entre os saberes cotidianos e científicos Cavalcanti (2012, 2005). Desse modo, tornar o ensino dos conteúdos de geografia escolar significativo para os alunos é trabalhá-los a partir do seu espaço de vivência, o vivido e concebido através das escalas local e global, Carlos (2007). Assim, constroem o conhecimento e estabelecem uma interação entre esse espaço vivido e outros lugares, além disso possibilita o exercício da cidadania na garantia de direitos.

No que tange o ensino de Geografia, Callai (2005) reforça a importância desta disciplina na compreensão do lugar e na leitura de mundo do aluno, portanto, torna-se pertinente questionar sobre a forma que os sujeitos com vivências típicas rurais concebem o campo e a relação com a cidade, haja vista, que a Geografia escolar exerce essa ponte fundamental para uma leitura espacial, assim como pode subsidiar

por meio das concepções dos alunos formas de melhorar a prática docente, principalmente, no âmbito da realidade da Educação do campo.

Partindo desse pressuposto o objetivo geral consiste: conhecer as concepções dos alunos sobre as categorias de análise Rural e Urbano e, respectivamente, seus pares indissociáveis, campo e Cidade e suas relações. Os objetivos específicos são: identificar como os alunos concebem essas categorias a partir do seu lugar de vivência; conhecer o vínculo de pertencimento tendo como referência os espaços rurais e urbanos; Interpretar a leitura espacial que eles possuem sobre as relações existentes entre campo e cidade, por último, refletir sobre a importância do ensino da geografia na leitura espacial rural-urbano.

Para alcançar os objetivos que a pesquisa se propõe, optou-se por realizar uma pesquisa de cunho qualitativo, onde seu principal fundamento é a compreensão do mundo empírico, nesta abordagem é valorizado o contato direto do pesquisador com objeto a ser estudado. Para a realização de tal etapa é necessário um planejamento prévio para o desempenho da atividade de campo, em que se opta pela técnica de pesquisa que melhor se encaixe no objetivo de análise. Para (GODOY, 1995)

O interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações, (p.61)

Ou seja, o pesquisador desta modalidade de pesquisa se conecta ao sujeito pesquisado, com o intuito de desvendar e analisar o seu ponto de vista, de acordo com suas experiências e vivências, isto é, compreender os significados que atribuem por meio de suas falas determinados fenômenos.

Logo, a técnica de pesquisa escolhida foi o questionário aberto, na qual, proporciona a liberdade de resposta pelo sujeito pesquisado, além disso, esse método possibilita a não interferência do pesquisador, onde o informante escreverá o que vem em mente, ou seja, suas próprias concepções. Além disso, permite ao pesquisador uma grande variedade de opiniões “É importante lembrar que, para a pesquisa ter legitimidade, é necessário registrar as respostas literalmente, conforme o pesquisado as emite.” (FACHIN, 2005, pag.161)

Analogamente, segundo (GIL 2011, p.128) o questionário é a “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões

apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Desse modo, essa técnica permitiu trabalhar com concepções dos alunos com o intuito de torná-los a peça mais importante desta pesquisa em que os torna o objeto de análise. Portanto, são dotados de ideias, representações e conhecimentos que são apreendidos através de saberes científicos, geralmente, recebidos na escola e também a partir de seu cotidiano.

A fase da pesquisa bibliográfica consistiu em reunir informações sobre a construção de um referencial teórico para as principais temáticas envolvidas nesta pesquisa, em relação a Educação do Campo foram consultadas os seguintes autores: Caldart (2012) Haje (2005, 2015) Fernandes (2006) Leite (1996) Balbi e Cordeiro (2009), Whitaker (2008) entre outros, enquanto que a categoria de Ensino em Geografia as autoras que se destacam foram: Caldart (2012), Cavalcanti (2005, 2011, 2012), Callai (2005), Castellar(1999), Rua e Simoni (2020) e Carlos (2007). Já o tema Rural e Urbano os autores de destaques são: Rua (2006), Silva (2014), Carneiro (1998) Marques (2002), Hespanhol (2013), Wanderley (2001), Nunes (2009) e Bagli (2006).

Os capítulos estão intitulados da seguinte forma, o primeiro: “**Educação no campo e ensino de Geografia**” está subdividido em três tópicos, o primeiro busca primeiramente, apresentar a educação do campo explicando seu surgimento, que se efetivou de forma revolucionária e emancipadora em busca de um novo projeto de educação que valorize a realidade de ensino do campo em contrapartida o antigo modelo de educação rural, que subalternizava estas populações, o objetivo foi resgatar o processo histórico da Educação em geral para demonstrar que embora exista novos paradigmas educacionais ainda há muito a ser superado.

O segundo; foi construído para refletir sobre a política da educação do campo e sua efetivação na realidade amazônica, tendo em vista os principais problemas e desafios enfrentados nas diferentes realidade da Amazônia, além disso, o último tópico complementa as ideias anteriores ao discutir a importância da Geografia como disciplina escolar, na compreensão de leitura de mundo a partir do lugar de vivência e da formação cidadã.

O segundo capítulo “**Discussões sobre rural e urbano, campo cidade e suas (Co) relações**” discorre no primeiro tópico as principais abordagens de estudo sobre as categorias de Rural e Urbano respectivamente, campo e cidade e as (Co)

relações existentes entre ambos, principalmente, na atualidade brasileira. Posteriormente, no último tópico será exposto as principais representações sociais atribuídas ao campo e cidade no decorrer do processo histórico e suas relações, no sentido de embasar os resultados das análises de campo, haja vista que, as representações, ideias estão inseridas na forma particular do sujeito de ler o mundo, entrelaçado na construção de conceitos concebidos por meio de construções sociais, saberes científicos e cotidianos, ou seja, as concepções por eles apreendidas.

No terceiro capítulo denominado **“Análises das concepções de rural e urbano de acordo com os alunos do 9º da escola Jaquara II”** será dedicado a análise de resultados coletados em campo, especificamente da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Jaquara II, localizada na comunidade de mesmo nome, Jaquara.

O tópico inicial conheceremos através de um breve histórico um pouco sobre a comunidade de Jaquara, sua formação territorial e identidade, em seguida, apresentaremos a escola de Jaquara II, trazendo uma retrospectiva da história e implementação de um projeto educacional na comunidade, assim como, explicitando a forma de funcionamento ao longo do tempo até os dias atuais. Por último, apresentar as análises de concepções dos alunos sobre o rural e urbano e as considerações geográficas necessárias.

O diagnóstico das concepções dos alunos apontou uma tendência da leitura espacial dicotômica das categorias campo e cidade, o que demonstra uma falta de instrumentalização adequada a esses conceitos, nas quais obscurece o verdadeiro entendimento existentes das complexas relações atuais entre ambos. Nesse sentido, a identificação desta fragilidade no ensino geográfico no âmbito da realidade campesina, possibilita uma reflexão sobre a prática de ensino e quanto a formação docente, no sentido de provocar questionamentos sobre a melhoria do ensino aprendizagem na educação básica e na formação acadêmica. Portanto, é notório que em relação a educação há muito a superar. No entanto, o professor de Geografia deve pensar novas formas de ensinar, assim como buscar se capacitar e dominar o campo teórico geográfico para garantir a autonomia do saber em sala de aula, com o intuito de construir novas geografias.

2 EDUCAÇÃO NO CAMPO E ENSINO DE GEOGRAFIA: ORIGEM E PERCURSO

A ideia inicial desse capítulo é primeiramente, apresentar a educação do campo explicando seu surgimento, que se efetivou de forma revolucionária e emancipadora em busca de um novo projeto de educação que valorize a realidade de ensino do campo em contrapartida o antigo modelo de educação rural, que subalternizava estas populações.

O segundo tópico é construído para refletir sobre a política da educação do campo e sua efetivação na realidade amazônica, já que o lócus de pesquisa está inserido sob esta perspectiva, tendo em vista os principais problemas e desafios enfrentados nas diferentes realidades da Amazônia, além disso, o último tópico complementa as ideias anteriores ao discutir a importância da Geografia como disciplina escolar, na compreensão de leitura de mundo a partir do lugar de vivência a partir do vivido e percebido Carlos (2007) e Callai (2005), assim como a contribuição da escola e do professor na construção do conhecimento, Cavalcanti (2005; 2011; 2012)

2.1 Da educação rural à educação do campo

A Educação do campo é considerada um tema atual, que aos poucos vem ganhando visibilidade nas discussões nas quais contribuem não somente, nos estudos referentes a sua elaboração conceitual, mas também na formação docente e nas práticas de ensino. Pois, proporciona ao professor o conhecimento para se preparar para as diversas realidades educacionais existentes no Brasil, vale ressaltar que esta modalidade de ensino está vinculada a emancipação política dos povos do campo, embasadas nos ideais do MST¹, que também se opõem ao antigo paradigma da Educação Rural e de agentes hegemônicos presentes no campo.

A interiorização da Educação nos diferentes lugares considerados remotos ou mesmo invisibilizados localizam-se em sua maioria nas áreas rurais, portanto, o papel

¹ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, responsável por lutar e reivindicar direitos para o trabalhador do campo, principalmente à luta pela Reforma agrária.

da Educação do campo é garantir o direito e o acesso ao ensino público e gratuito a esses sujeitos que por muito tempo tiveram seus direitos fundamentais negados e subjugados.

A garantia desta política pública está relacionada a pressão popular sobre as autoridades e o Estado em garantia de seus direitos básicos, não somente pela Educação digna, como também por moradia e o direito à Terra.

Esta categoria de ensino é caracterizada pelas suas particularidades culturais e sociais. A principal pretensão dos movimentos sociais, juntamente com o MST é garantir uma educação que dialogue com a realidade do campo, sobretudo, valorize sua identidade. Esta proposta abrange todas as pessoas que se inserem na realidade rural, sejam, comunidades, quilombos, pescadores, pequenos agricultores, ribeirinhos etc. Segundo Kolling, Ceriulli e Caldart (2002) citado por Caldart (2012), partindo deste pressuposto a educação deve ser no e do campo

No campo: “o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive” (Kolling, Ceriulli e Caldart, 2002, p.26), e do campo: o povo tem o direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais (Ibid.). (p. 266)

Ou seja, uma educação democrática vinculada a emancipação dos povos do campo, através da educação e na busca de direitos básicos humanos, promovendo dignidade e cidadania.

O surgimento da expressão “Educação do campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como Educação Básica do campo no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho de 1990. Passou a ser chamada de Educação do campo a partir das discussões do seminário nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho. (CALDART, 2012.p. 259-260)

A origem desta luta desencadeou-se através do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras (MST) em 1990, sendo principal marco na reivindicação pela política de educação do campo. O objetivo inicial era garantir uma educação voltada ao campesinato. Não bastava ter a escola materializada no espaço campesino, e sim, na efetivação de um modelo de educação característica do cotidiano, baseada aos interesses e necessidade da população que vive e trabalha nestes locais.

O campo é um território que reproduz diferentes modos de vida baseado na agricultura familiar, palco também para diversas relações de poder que visam a

reprodução capitalista. Portanto, existem diferentes interesses tanto para o campesinato que sobrevive e resiste, quanto para o agronegócio que se reproduz. Baseado nisto, Fernandes (2006.p.29-30) nos apresenta sua análise para as diferentes territorialidades presentes no campo:

No campo, os territórios do campesinato e do agronegócio são organizados de formas distintas, a partir de diferentes classes e relações sociais. Um exemplo é que enquanto o agronegócio organiza o seu território para a produção de mercadorias, dando ênfase a esta dimensão territorial, o campesinato organiza seu território para a realização da sua existência, necessitando desenvolver todas as dimensões territoriais. Esta diferença se expressa na paisagem e pode ser observada nas diferentes formas de organizações de seus territórios. A paisagem do território do agronegócio é homogênea, enquanto que a paisagem do território camponês é heterogênea. A composição uniforme e geométrica da monocultura se caracteriza pela pouca presença de pessoas no território, porque sua área está ocupada por mercadorias, que predomina na paisagem. A mercadoria é a expressão do território do agronegócio. A diversidade dos elementos que compõem a paisagem do território camponês é caracterizada pela grande presença de pessoas no território, porque é nesse e desse espaço que constroem suas existências, produzindo alimentos.

A realidade campesina é heterogênea, portanto, cada grupo ou comunidade possui características próprias e suas respectivas territorialidades. O presente lócus de pesquisa se caracteriza como uma comunidade ribeirinha possuindo seu próprio modo de vida e organização espacial portanto, o papel da educação em geral é possibilitar que esses sujeitos em sua formação conheçam e explorem as diferentes relações estabelecidas em seu meio, tornando-se cidadãos críticos, que sejam capazes de construir uma luta contra hegemônica, sob os diferentes atores sociais que estabelecem relações divergentes aos interesses dessas populações. Desse modo, para o pleno desenvolvimento territorial baseado também na garantia de direitos, o conhecimento é uma importante ferramenta de emancipação humana, nesse sentido Fernandes (2006) defende a educação do campo como fator primordial para o desenvolvimento territorial do campo.

O ensino de Geografia juntamente com os princípios da Educação do campo subsidia aos sujeitos uma compreensão das diversas relações existentes na realidade campesina, portanto, torna-se uma ferramenta para o desenvolvimento da cidadania.

No entanto, a política de educação do campo é recente, e na realidade ainda se torna um desafio. Anteriormente, a modalidade de ensino em vigor era denominada de Educação Rural. Segundo SIMÕES e TORRES (2011) este modelo educacional

se difere do atual porque se constitui do antigo modelo rural defasado, com falta de infraestrutura, e valores ideológicos e políticos que diferem da realidade camponesa.

A priori, é interessante fazer um rápido resgate na gênese histórico-social brasileira tendo como referência a Educação. No que tange esse tema, a educação foi institucionalizada no Brasil Colônia. Nessa época, já havia uma preocupação quanto a escolarização, portanto, foram traçados planos para sua efetivação, porém, sua elaboração foi marcada por interesses conflitantes e obscuros. De certo modo, excluiu grande parte da população pobre e nativa. De acordo com as Diretrizes Operacionais para a Educação Rural:

Neste aspecto, não se pode perder de vista que o ensino desenvolvido durante o período colonial, ancorava-se nos princípios da Contrarreforma, era alheio à vida da sociedade nascente e excluía os escravos, as mulheres e os agregados. Esse modelo que atendia os interesses da Metrópole sobreviveu, no Brasil, se não no seu todo, em boa parte, após a expulsão dos Jesuítas. (BRASIL, 2012, p.02)

Desse modo, percebe-se que historicamente a educação nunca foi inclusiva, sempre voltada para necessidades de caráter econômico e elitista favorecendo aos ricos. A educação colonial era segregadora, pois, “geralmente, os estudos eram para os filhos das famílias mais abastadas, pois, havia uma diferenciação onde os ricos, valorizavam o intelecto e os pobres eram dirigidos para a mão de obra”. (ARCANJO e HANASHIRO, 2010, p.30)

Diante desse contexto, o legado excludente da colonialidade se reproduziu no tempo e no espaço, visto que, as populações do campo foram relegadas ao esquecimento, bem como, carrega em sua formação estereótipos e preconceitos pelo olhar externo à sua realidade. É a partir deste princípio que a Educação Rural está entrelaçada.

Balbi e Cordeiro (2009) apontam que a Educação rural está fortemente ligado ao paradigma moderno colonial civilizatório, em razão disto, através da ideologia de civilidade, impõe, legitima e reproduz seu modo de ver e pensar o mundo de forma homogênea sob os povos considerados “inferiores e atrasados” ideologia que se reproduz na sociedade atual, carregada de preconceito, racismo e xenofobia.

Tendo em vista esse viés percebe-se que a Educação Rural reproduz o pensamento colonialista onde não vê o outro, ou seja, o camponês como sujeito autônomo e político, sobretudo o invisibiliza, desrespeitando suas particularidades e

modo de vida, na qual reflete diretamente no modelo de educação que é designado a essas populações, em consequência a educação oferecida segue desconexa às suas realidades, ou mesmo reproduz o modelo urbano.

Sendo assim, a Educação Rural emerge novamente, em meio a um contexto de profundas mudanças nas estruturas socioeconômicas e principalmente políticas apresentando diferentes interesses. Segundo Leite (1996) a preocupação educacional quanto ao campo veio acontecer somente, devido ao forte fluxo migratório aos centros industriais por volta de 1910 e 1920. Em meados dos anos 30 a industrialização se interiorizou para o campo com a modernização na agricultura, fato que mudou a organização e uso do espaço, provocando mudanças nas relações sociais. A educação nesse período:

Nasce marcada pelo discurso da modernização do campo e da necessidade adaptar o camponês e suas práticas, sinônimo de atraso, aos novos padrões de agricultura que dariam suporte ao modelo industrial nascente. Desde então, foram inúmeras as propostas educativas de cunho formal e informal para o meio rural. Tais experiências, porém, sempre foram fragmentadas, algumas vezes sobrepostas, respondendo a interesses conflitantes, tendo papel secundário nas políticas de educação. (FREITAS, 2011. p.36)

O discurso da elite industrial nascente, atribuía o campo como setor produtivo possível de reprodução capitalista. No entanto, esta lógica relacionava o rural como atrasado e que precisava ser modernizado, no que tange a educação para estas populações foi pensada para atender a demanda industrial, ou seja, para a mão de obra no campo, a formação humana passa a ser segundo plano. Entrelaçado na ideia de fixar o homem no campo, surgiu a proposta do ruralismo pedagógico: “ proposta de educação do trabalhador rural que tinha como fundamento básico a ideia de fixação do homem no campo por meio da pedagogia.” (BEZERRA, 2016, p. 15)

Segundo Leite (1996, p.60) o ruralismo pedagógico possui resquícios colonialistas pautados:

Na defesa das virtudes do campo e da vida campesina para esconder a preocupação com seu esvaziamento populacional, o enfraquecimento social e político do patriarcalismo e a forte oposição, por parte dos agroexportadores ao movimento progressista urbano.

À vista disso a nova proposta educacional atendia aos interesses da burguesia oligárquica agrária e a elite emergente industrial “que viam a fixação do homem do

campo uma maneira de evitar problemas sociais nos centros citadinos.” (LEITE, p. 62 1996).

Bezerra (2016) dá ênfase que o ruralismo era baseado, na construção de um currículo que atendia as necessidades básicas do homem do campo, como na agricultura, pecuária e atividades cotidianas, ou seja, aperfeiçoar as técnicas de trabalho e os saberes sobre a terra que já possuíam, com a intenção de tornar o campo mais atrativo no sentido socioeconômico e conseqüentemente, conter o êxodo rural e o inchaço populacional das cidades.

Sintetizando, nesse tópico foi demonstrado as diferenças entre Educação Rural e Educação do Campo, a primeira com resquícios colonialistas que invisibiliza o campo e suas particularidades, vendo como um espaço de atraso embasado nas perspectivas da modernização deste, em consequência não proporciona uma educação que abrace o campo como um espaço ímpar e autônomo. O dualismo espacial que define o rural e urbano se faz presente, e se torna um problema na consolidação desta política educacional no campo, em contrapartida, a educação do campo surge como um modelo contra hegemônico sobre as práticas de ensino da escola rural que obedece a um currículo urbano e desconexo a realidade do campo.

Conforme Whitaker (2008), o modelo de educação rural-urbana parte de três pressupostos fundamentais: a) urbanocêntrica, voltada inteiramente, para os conteúdos relacionados a cidade e o processo de industrialização e urbanização vista como superior e moderna, b) sociocêntrica; privilegiava os interesses e a cultura de grupos dominantes, desconsidera as demais formas de ver e viver o mundo que não corresponde a essa lógica considerada superior. c) etnocêntrica; considera a cultura e os conhecimentos ocidentais superior, onde a cultura dos povos do campo é considerado atrasado, fortalecendo a reprodução dos estereótipos e preconceito quanto ao modo de vida dessas populações.

Portanto, enquanto a educação rural estaria comprometida com interesses ruralistas de manutenção da exclusão e desigualdade fundiária, transmitindo um ensino adestratório, domesticador e desvalorizador do campo e de seus povos, a educação do campo seria uma construção dos próprios povos do campo de uma educação voltada para a valorização do campo e de sua gente, levando em conta as necessidades e especificidades das realidades rurais, com uma pedagogia que acredita no potencial econômico e cultural do campo, e na força política de suas populações organizadas em movimentos sociais rurais. (BALBI e CORDEIRO, 2009. p. 21.)

Os mesmos autores ainda contribuem quanto ao currículo:

Esta predileção pelo urbano, por parte das pedagogias e currículos escolares, materializou uma verdadeira oposição entre cidade e campo, onde a cidade é apresentada como lugar privilegiado, como único pólo cultural e artístico, como espaço superior por excelência, tendo uma dinâmica independente do campo, enquanto o rural é visto como naturalmente e hierarquicamente inferior e dependente da cidade. Esta oposição cidade/campo é fomentada tanto por livros didáticos, que não só nos textos, mas também nas fotografias e figuras desprivilegiam o espaço rural e sua população. (BALBI e CORDEIRO,2009. p. 20))

Nesse contexto, a educação rural foi considerada como direito, mas um direito ainda inspirado no paradigma urbano”. (PIRES, p.90, 2012). Este modelo de educação como bastante enfatizado, foi pensado para a fixação do homem no campo, portanto, devido aos resquícios da ideia dicotômica entre o meio rural e urbano entendia-se que as concepções de mundo, cultura e modo de vida diferenciavam-se da cidade, onde as diferenças socioespaciais também eram um critério de divisão, nesse sentido, o modelo de Educação era imposta e reproduzia a mesma lógica de ensino urbanoide, principal característica da Educação Rural.

Agora que vimos e entendemos as diferenças entre os dois paradigmas, percebe-se que a questão Rural e Urbana também se faz presente nessa discussão no âmbito educacional. Whitaker (2008) e BALBI e CORDEIRO (2009) se complementam em suas análises uma em perceber uma hierarquia entre esses espaços, prevalecendo como uma dicotomia e predileção pelo urbano; outra em analisar de como a aplicabilidade da política educacional depende da perspectiva urbana, no entanto, não cabe esse momento aprofundamento nas relações urbanas e rurais. Nesse momento, o foco principal é a educação nesses espaços afim de demonstrar que embora exista atualmente a construção de um novo paradigma educacional voltado para o campo, ainda há resquícios do anterior nas práticas educacionais e no sistema de ensino em geral, portanto, ainda se torna um grande desafio (des) construir um novo modelo de educação para estas realidades.

2.2 Os desafios da educação do campo mediante a realidade de Ensino na Amazônia Paraense

No tópico anterior foi apresentado o que é a Educação do campo, e a sua diferença entre a Educação Rural. A questão norteadora deste tópico é: como essa política pública se efetiva na prática e nas diferentes espacialidades amazônicas? Falar de Amazônia nos remete a diversidade de vida e cultura, no sentido espacial

sabemos que essa diversidade está presente nas áreas rurais e urbanas. As áreas rurais em sua maioria, são compostas por ribeirinhos, quilombolas, pequeno agricultor, representados pelos povos dos rios e florestas. Neste sentido, teoricamente a educação do campo se interioriza e se constitui em meio a essa gama de modos de vida e diferentes territorialidades.

Este tópico foi construído, especialmente, na tentativa de introduzir a escola escolhida na medida em que se insere numa realidade amazônica, na Zona Rural em uma comunidade ribeirinha. Em questão educacional enfrenta ainda inúmeros problemas, a princípio o esquecimento, haja vista que foi contemplada de forma tardia com projeto de construção de uma escola adequada. Especificamente nesse momento será utilizado o livro “Educação do campo na Amazônia: Retratos de realidades das escolas multisseriadas no Pará”, organizado por Salomão Haje, principal estudioso da temática na região.

A Amazônia é singular pela sua rica biodiversidade e sua variedade de ecossistemas e modos de vida que definem sua pluralidade “Quando focalizamos as singularidades no campo sociocultural, identificamos que a Amazônia é marcada por uma ampla sócio diversidade, composta por populações que vivem no espaço urbano (62%) e no espaço rural (38%)².” (HAJE, 2005 a, pag. 63)

Segundo o autor, se torna um desafio enorme, devido a heterogeneidade sociocultural trabalhar as questões educacionais de acordo com a especificidade de cada lugar, bem como, sabemos que na prática escolar o campo possui inúmeras dificuldades, em que se aplica no campo cultural e social, enquanto que nos aspectos sociais o campo produtivo se materializa de forma contraditória e conflitual de forma que abrange a maioria dos problemas sociais existentes na Amazônia, principalmente, com projetos desenvolvimentistas, expansão do agronegócio e conflitos de terra. Por outro lado, os povos tradicionais e a agricultura familiar resistem ao avanço da lógica capitalista, ou seja, a realidade amazônica é rica em vários âmbitos, tantos em aspectos positivos quanto negativos referente as escalas sociais, econômicas e políticas. Neste sentido, as relações de poder existentes nesta realidade se tornam

José Eli da Veiga (2003) tem problematizado a definição dos percentuais de população urbana e rural apresentados oficialmente. Em suas análises ele vem questionando grandes centros de pesquisa, como o IBGE e o IPEA, pela utilização de critérios que causam uma “ilusão imposta pela norma legal”, ao caracterizar o rural e o urbano pelo tamanho populacional do município, desprezando critérios como a densidade demográfica e a localização. Em seu entendimento, é justamente a caracterização do que é urbano e o que é rural, em função da adoção dos critérios mencionados, que alimenta o disparate segundo o qual o grau de urbanização do Brasil teria atingido 81,2% em 2000. (HAJE, 2005 a, pag.64)

uma luta contra hegemônica diária e necessária para estas populações na garantia de reprodução de vida.

Entre os habitantes da região a diversidade é constituída por povos indígenas, quilombolas, caboclos, ribeirinhos, povos das florestas, imigrantes de diferentes partes do Brasil, pequenos agricultores, sem-terra, assentados, no entanto, a formação identitária em sua maioria advém de raízes indígenas que resistiu ao longo do processo histórico. Haje (2005a.p.65) define:

As populações indígenas e caboclas desenvolveram as suas matrizes histórico-culturais em íntimo contato com o ambiente físico, adaptando o seu ciclo de vida às peculiaridades regionais e oportunidades econômicas oferecidas pela floresta, várzea e rio, deles retirando os recursos materiais de sua subsistência, os seus mitos e lendas.

Podemos perceber a diversidade étnico cultural, onde cada grupo desenvolve seu próprio modo de vida, e se adapta de acordo com o meio em que vive. De acordo com Haje (2005 a) a principal característica fundamental da Amazônia é sua “heterogeneidade” que se materializa de forma complexa no espaço.

Entretanto, quando se trata de políticas públicas e sua aplicabilidade nesta realidade, percebe-se que as populações são invisibilizada principalmente, no plano educacional, segundo o autor a realidade vivenciada por esses sujeitos é desafiadora e preocupante, pois, se apresenta muito distante das legislações educacionais que são regidas no sistema de educação no Brasil, principalmente quanto ao currículo voltado para essas populações. O mesmo autor supracitado afirma:

Diante de situações existenciais tão diversas que envolvem ecossistemas, biodiversidade, socio-diversidade e tantos outros elementos que compõem o acervo de saberes, experiências, e tecnologias da região, é inadmissível que as políticas e as práticas curriculares vigentes continuem a se perpetuar desconsiderando essas especificidades que constituem as identidades culturais de nossa região. (HAJE, 2005. p.67)

Haje (2005 b) nos aponta dados preocupantes da realidade amazônica pois, 29,9% da população adulta é analfabeta; 3,3 anos é a média de anos de escolarização desta população ; 7,1% das escolas que oferecem o ensino fundamental das séries iniciais são multisseriadas atendendo 46,6% dos estudantes em condições vulneráveis e com pouco rendimento escolar, a distorção idade-série é de 81,2% chegando a 90,51% das crianças matriculadas na 4ª séries e a taxa de reprovação equivale a 23, 36% atingindo um índice de 36,27% na primeira série. No Pará, onde

foi o lócus desta pesquisa, a realidade de ensino é alarmante onde a modalidade de ensino multissérie é predominante no ensino fundamental no campo correspondendo 97,45% da matrícula nessa etapa escolar. (GEPERUAZ, 2004, apud. HAJE 2005 b)

Diante desta realidade os dados quantitativos apresentam a precarização do ensino público que comprometem o ensino aprendizagem, revelando muitos desafios a serem superados, que as leis precisam de fato serem legitimadas pelas políticas do Estado para reestruturar os sistemas de ensino público em geral.

Além destes aspectos as escolas do campo apresentam outras dificuldades, como a precarização nas estruturas físicas que às vezes funcionam nos barrocões, igrejas ou até mesmo debaixo de árvores, dificuldade dos estudantes e professores em relação ao transporte, as longas distâncias para a locomoção para outras comunidades, falta de merenda, a escassez na oferta de material didático, dificuldade na oferta do transporte escolar, formação docente insuficiente, currículo que não corresponde a realidade local, falta de metodologia e mediação pedagógica adequada.

Esses são alguns problemas desfavoráveis que não contribuem para um ensino adequado, conseqüentemente, há um elevado índice de evasão escolar reproduzindo o estigma da educação no espaço rural é atrasada, sobretudo, acentua a reprodução do discurso de que a cidade é o lugar desenvolvido, levando a migração dessa população em busca de melhores oportunidades, na qual desqualifica o modo de vida rural, assim como demonstra escassez de políticas públicas para o desenvolvimento rural. Mediante aos dados apresentados acima podemos concluir que há um enorme descaso na qualidade da educação desenvolvida para esse espaço, o poder público é ineficiente ao atender a grande heterogeneidade dos povos das florestas, dos rios e das águas.

No entanto, existe uma grande contribuição em relação aos fóruns de educação no campo, grupos de pesquisa, manifestos e outras ações que participam ativamente na garantia de direitos e emancipação política destes sujeitos, esse grupo é denominado de Movimento Paraense por uma Educação do Campo que engloba inúmeras entidades, órgão, movimentos sociais, que “demandam o reconhecimento de suas territorialidades e suas identidades socioculturais às políticas públicas de educação”. (HAJE e CRUZ, 2015, p. 11)

Os mesmos autores apontam o resultado desse processo, o Movimento Paraense por uma Educação no campo na atualidade tem sido constituído pelo FPEC (Fórum Paraense de Educação do Campo) e pelos seguintes fóruns:

Fórum Regional da Educação do Campo do Sul e Sudeste do Pará; Fórum Regional de Educação do Campo da Região Tocantina; Fórum Regional de Educação do Campo da Região do Baixo Tocantins; Fórum Regional de Educação do Campo da Região Nordeste Paraense, Fórum Regional de Educação do Campo da Transamazônica e Xingu e o Fórum de Educação do Campo do Baixo Amazonas.”(HAJE e CRUZ, 2015.p.03-04)

O conjunto dessas organizações e de movimentos implica em compreender a complexidade que configura os sujeitos coletivos em suas particularidades em termos identidade, ideologia e natureza, portanto esse movimento torna-se:

Propositivo, ao compartilhar e produzir saberes, conhecimentos, experiências e tecnologias sintonizados com a realidade e diversidade dos sujeitos do campo; *reinvitativo* ao mobilizar os sujeitos para demandar do Estado ações de gestão para o coletivo, para atender as necessidades das classes trabalhadoras do campo e de *controle social*, para acompanhar e intervir na definição e implementação das políticas e investimentos públicos, visando à garantia da universalização dos direitos humanos e sociais aos sujeitos do campo. (HAJE e CRUZ, 2015.pag.04).

Ao analisar a realidade amazônica constata-se inúmeras deficiências e falta de ação do Estado no espaço rural, o descaso em relação a educação e a outros direitos básicos são evidentes. A dificuldade de eficiência educacional se apresenta na não garantia desse direito além de não corresponder com as especificidades locais, desde a falta de infraestrutura, currículo inadequado, formação docente etc. Portanto, é um problema estrutural que precisa ser superado, ainda que pequenos grupos lutem e reivindique uma educação de qualidade, a educação do campo se apresenta na nossa realidade de modo precário e deficiente, pois, a educação se torna essencial na luta e na garantia de acesso à educação de qualidade.

Em seguida, no tópico abaixo veremos a importância do ensino de geografia frente essas realidades, no âmbito da educação e na formação cidadã, para a reflexão dos problemas sociais que se inserem, na esperança de garantir o mundo com justiça social na garantia de direitos básicos, juntamente, com a geografia em seu papel de desvendar as realidades afim de formar sujeitos empoderados e emancipados.

2.3 O Ensino da Geografia no contexto da Educação do Campo e na compreensão do lugar

A Geografia escolar exerce um papel fundamental na formação do aluno, haja vista, que proporciona a compreensão das relações espaciais e o desenvolvimento de um raciocínio geográfico capaz de relacionar as diferentes escalas, “Sendo assim, os conteúdos geográficos precisam ser “apresentados” para serem trabalhados pelos alunos nessa dupla inserção: a global e a local.” (Cavalcanti 2005, pag. 203)

No âmbito da Educação do Campo podemos perceber que a Geografia como disciplina escolar possibilita que sujeitos do campo possam compreender os principais problemas sociais e políticos que estão inseridos, tornando-os sujeitos engajados na emancipação política e na garantia de direitos, sobretudo, com o objetivo de mudança no meio social que se inserem, nesse sentido é pertinente salientar que a educação valoriza e fomenta a identidade e pertencimento dessas populações.

A educação é a peça principal para a transformação de uma sociedade, portanto, se torna essencial lutar por um ensino digno que empodere os povos do campo que ao longo processo histórico foram invisibilizados. Bem como enfatiza Caldart (2012) a Educação tem que ser *no* e *do* campo, ou seja, que valorize os singularidades e particularidades desses territórios.

Neste aspecto, Segundo Cavalcanti (2012) a Geografia como disciplina escolar possibilita uma contribuição de aprendizagem entre os saberes científicos e saberes cotidianos, onde o primeiro, é trabalhado de forma sistematizada, crítica e questionadora, fomentando a formação cidadã proporcionando uma leitura espacial. Esta mediação deve ser pensada a partir do lugar e do espaço vivido, em que estão inseridos, assim, o aluno é capaz de produzir o conhecimento geográfico e compreender as diferentes espacialidades:

A referência à formação da cidadania como uma das tarefas da escola já é uma ideia bastante consolidada e, por isso mesmo, é importante delimitar os significados mais concretos desse conceito. Formar cidadão é um projeto que tem como centro a participação política e coletiva das pessoas nos destinos da sociedade e da cidade. Essa participação está ligada à democracia participativa, ao pertencimento à sociedade. Assim, nesse conceito, pressupõe-se a conexão entre espaço público e construção da identidade dos cidadãos. (CAVALCANTI, 2012. p.45.)

Exercer a cidadania é um ato político, e a Geografia escolar é importante na construção de uma formação cidadã e na participação coletiva que sejam decisivas para estas realidades. Além disso, auxilia na leitura das dinâmicas sociais e nas relações que o homem constrói com a natureza, na interpretação do mundo, juntamente, com o poder que essas relações refletem no lugar.

Desse modo, o professor é o mediador entre o conhecimento científico geográfico, que são apresentados através dos conteúdos em sala de aula e os conhecimentos adquiridos pela vivência e experiência de cada aluno, esse diálogo deve ser apresentado de forma que desperte questionamentos e a criticidade. Tal que, percebam através do olhar geográfico a realidade social, econômica, ambiental e cultural do campo.

O ensino da Geografia é importante na escolarização, pois, possibilita ao aluno aguçar o olhar espacial no sentido de interpretar além da paisagem e na compreensão das relações socioespaciais na qual está inserido. Desse modo, torna-se pertinente atentar em relação ao ensino aprendizagem embasado na mediação pedagógica.

Entendemos que o aluno possui conhecimentos adquiridos ao longo de sua vivência. Portanto, consideramos que todos possuem conhecimentos e saberes específicos construídos ao longo de suas vidas, que agregaram valores simbólicos, ideológicos e culturais.

Partindo desse pressuposto Lana Cavalcanti (2005) baseando-se na teoria sócio construtivista de Vygotsky, compreende que o ensino aprendizagem é primordial na formação de conceitos, principalmente na geografia escolar, nessa perspectiva as relações interiores e exteriores contribuem na formação e maturação de um pensamento próprio do aluno, em que o professor se torna mediador entre o conhecimento científico e senso comum. Esse processo não é determinista pois, “o aluno é o sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, o professor tem o papel de mediador do processo de formação do aluno [...] (CAVALCANTI, 2005, p. 198)

Entende-se que a geografia escolar não se restringe somente em ensinar os conteúdos, mas desenvolve e constrói novos conhecimentos atribuído ao raciocínio geográfico, para isto, utiliza a linguagem geográfica, através de conceitos, teorias e abordagem que subsidiem a construção de uma análise geográfica da realidade.

Baseada na ideia construtivista de Vygotsky, Cavalcanti (2005) analisou que esta abordagem contribui no processo de ensino aprendizagem em que utiliza a

mediação didática, e assuntos relacionados ao cotidiano para a elaboração de conceitos geográficos.

Com relação ao ensino de Geografia:

É no encontro\confronto da geografia cotidiana, da dimensão do espaço vivido pelos alunos, com a dimensão da geografia científica, do espaço concebido por essa ciência, que pressupõe a formação de certos conceitos científicos, que tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão do vivido, pela internalização consciente do concebido (CAVALCANTI, 2005.p.200-201)

A geografia como disciplina escolar possibilita ao professor mediar o conhecimento científico com aspectos do cotidiano do aluno, para isto utiliza de teorias, conceitos e abordagens geográficas para a construção de análises da realidade, corroborando novamente com Cavalcanti:

[...] O aluno, poderá em um ensino orientado pela meta de formação de conceitos, adquirir ferramentas intelectuais que permitam a ele compreender a realidade social que o cerca em sua complexidade, nas suas contradições, com base nas suas análises formais\conteúdo e de sua historicidade. Compreendendo seu lugar e territórios formados em suas proximidades, como uma espacialidade, o aluno terá uma convicção de que aprender elementos do espaço é importante para compreender o mundo, pois ele é uma dimensão construtiva da realidade, e estará, com isso, mais motivado, para estabelecer com os conteúdos apresentados, uma relação de cognição, colocando-se como sujeito de conhecimento. (CAVALCANTI,2011. p. 201)

Em síntese, a autora enfatiza que o professor media a formação de conceitos geográficos, através dos conteúdos, o cotidiano e seu lugar de vivência, possibilitando um olhar geográfico pelo aluno. A mesma observa que o ensino de Geografia é um desafio a ser proposto em sala de aula, devido à complexidade das relações sociais da atualidade. Portanto, o professor é o fator principal para desenvolver pesquisas, questionar e problematizar os conteúdos que são propostos, a partir disso, é responsável em criar novas metodologias de ensino para que o aluno entenda os mecanismos que engendram o espaço e conseqüentemente, compreender o seu lugar de vivência.

Neste sentido o ensino de Geografia principalmente, no ensino fundamental possibilita a compreensão do espaço geográfico tendo como ponto inicial o lugar e sua construção histórica, sobretudo, articula os conteúdos escolares com a prática cotidiana, na qual proporciona aos professores e educandos uma reflexão sobre suas

práticas cotidianas, afim de repensar novas formas de enxergar o campo e o rural e sua relação com a cidade e seus respectivos modos de vida.

Diante da perspectiva de trabalhar o lugar a partir dos processos que engendram a história, a identidade e reprodução de vida Carlos (2007) salienta que o lugar pode ser analisado pela tríade: habitante, identidade e lugar, onde são expostas as relações que os indivíduos possuem com o espaço habitado, “é o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.” (CARLOS, 2007, pag.17).

[...] a dimensão da história que entra e se realiza na prática cotidiana (estabelecendo um vínculo entre o “de fora” e “o de dentro”), instala-se no plano do vivido e que produziria o conhecido-reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo ou melhor se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábito que lhes são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que se vai construindo e se impondo, como consequência do processo de constituição do Mundial (CARLOS, 2007.p.17).

Nesse sentido a autora frisa que a tríade parte da análise do vivido através do uso, pelo corpo. Ou seja, são as formas que o indivíduo interage com o lugar, na qual cria laços de identidade, e as vivências e experiências cotidianas geram significados e apropriações por meio do vivido, na qual percebe o lugar, através também da relação local e global.

Deste modo a análise do lugar se revela — em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e interpõem — no cotidiano com suas situações de conflito e que se reproduz, hoje, anunciando a constituição da sociedade urbana a partir do estabelecimento do mundial. (CARLOS, 2007.p. 20)

Pensando o ensino de geografia através dos cotidianos do vivido e concebido, Callai (2005) reforça que o ensino da geografia na educação básica principalmente, nas séries iniciais é significativo e cabe ao professor, a ciência geográfica e o modelo de ensino vigente buscarem novas formas metodológicas de superar o ensino tradicional que se apresenta de forma desconexa com a realidade. A alfabetização espacial proposta por Callai (2005) é discutida nas séries iniciais, para enfatizar a importância da geografia na compreensão do mundo e principalmente, alerta a construção dos conteúdos da disciplina na escola e na prática de ensino do professor, sobre a maneira que afeta os alunos nos anos posteriores e conseqüentemente, no déficit no entendimento do ensino de geografia na sala de aula.

“Partindo do fato de que a gente lê o mundo ainda muito antes de ler a palavra, a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura de mundo” (Callai, 2005, pag. 233). Ou seja, a autora enfatiza o processo de alfabetização espacial em que incentiva uma nova forma de ler o mundo, através do reconhecimento e percepção sobre o lugar e o cotidiano, na qual, o aluno interaja com o meio social reconhecendo sua dinâmica, posteriormente, crie sua própria representação da realidade. Com a mesma autora:

Compreender o lugar em que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar e, assim, a procurar entender o que ali acontece. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo. Assim, o lugar não pode ser considerado/entendido isoladamente. O espaço em que vivemos é o resultado da história de nossas vidas. Ao mesmo tempo em que ele é o palco onde se sucedem os fenômenos, ele é também ator/autor, uma vez que oferece condições, põe limites, cria possibilidades. (CALLAI, 2005.p. 236)

Nesse ensejo, pode-se discutir inúmeros conteúdos referente ao lugar, levando em consideração que a realidade em que estão inseridos é o campo, esta análise nos permite ler, analisar e compreender o lugar, relacionando os conteúdos geográficos com a realidade social, como os conflitos agrários e de rios existentes na comunidade, a invisibilidade do poder público na garantia de políticas públicas eficientes, na degradação ambiental, pesca predatória, violência, drogas, Êxodo rural, espaço agrário, relação campo-cidade, ou seja, podendo trabalhar a interdisciplinaridade, inclusive com as próprias categorias de análises geográficas. Todos esses fatores permitem aguçar o olhar espacial discutido por (Callai, 2000, p. 94 apud. Callai, 2005)

O olhar espacial supõe desencadear o estudo de determinada realidade social verificando as marcas inscritas nesse espaço. O modo como se distribuem os fenômenos e a disposição espacial que assumem representam muitas questões, que por não serem visíveis têm que ser descortinadas, analisadas através daquilo que a organização espacial está mostrando. (p. 237).

Portanto, a escola e o professor por adquirirem o conhecimento geográfico são os principais responsáveis em incentivar o aluno a fazer uma leitura da realidade e decodificar a dinâmica espacial em que se insere, assim como, buscar sempre novas maneiras de práticas de ensino não tradicionais, para possibilitar trazer novas

propostas de ensino através do acesso à informação para construção de novos conhecimentos e novas geografias, pensando a partir da dialética do espaço.

3 DISCUSSÕES SOBRE RURAL E URBANO, CAMPO E CIDADE E SUAS (CO) RELAÇÕES

Nesse capítulo será apresentado as principais abordagens de estudo sobre as categorias de Rural e Urbano respectivamente, campo e cidade e as (Co) relações existentes entre eles, principalmente, na atualidade brasileira, nesse sentido, autores como Bagli (2006), Rúa (2006), Silva (2014), Carneiro(1998) Marques (2002) e Hespanhol (2013) irão subsidiar a apresentação das diferentes abordagens definidas como: Dicotômica, contínuo e permanências, pressupostos estes fundamentais ao entendimento da temática.

Posteriormente, no último tópico deste capítulo será exposto as principais representações sociais atribuídas ao campo e cidade e suas relações, no sentido de embasar os resultados das análises de campo, haja vista que, as representações sociais estão inseridas na forma particular do sujeito de ler o mundo, entrelaçado na construção de conceitos concebidos por meio de construções sociais, saberes científicos e cotidianos, ou seja, as concepções por eles apreendidas.

3.1 As categorias de rural e urbano, campo e cidade no Brasil Contemporâneo

Atualmente, percebemos que a sociedade vem sofrendo diversas transformações culturais e econômicas, sobretudo, nas relações socioespaciais que são diretamente afetadas por esses processos. Mediante isso, o rural e o urbano estão inseridos nessa dinâmica de mudanças, onde suas relações se recriam e se ressignificam, alterando a lógica de (re) organização do espaço geográfico e suas interações sociais, alterações estas, que são decorrentes devido as novas representações espaciais construídas devido a lógica capitalista dominante. Nessa perspectiva, na contemporaneidade definir ou classificar esses espaços é um grande desafio, devido a fluidez e a integração entre ambos sejam físicas ou ideológicas. Portanto, partimos da ideia que essas categorias não podem ser analisadas de forma isolada sem uma totalidade.

É importante salientar que as categorias Rural e Urbano não são sinônimos de campo e cidade, embora é comum que sejam associadas dessa maneira. Visto que, o Rural e Urbano representam o modo de vida, ou seja, as atividades que são características e específicas do campo e da cidade, mas na dinâmica espacial atual o que se percebe é que o urbano está presente no campo assim como o rural na cidade.

Campo e cidade são construções sociais. [...]Caracterizam-se pelo conteúdo que possuem, seja ele urbano ou rural. É esse conteúdo que define as formas e as funções existentes em cada espaço adjetivando-os; campo, por seu conteúdo, qualifica-se como espaço rural e a cidade como espaço urbano. (BAGLI,2006. p.62.)

Dito isto, entende-se que cada espaço é construído por relações sociais específicas e particulares, ou seja, a cultura, os valores, costumes identificam o modo de vida de cada um, portanto, ambos possuem suas territorialidades que são definidas como urbanidades e ruralidades, nas quais extrapolam a concretude do campo e da cidade numa interação.

Diante das novas dinâmicas da sociedade, diversos pensadores se propuseram a estudar sobre essas categorias na intenção de compreender as diferentes realidades e suas novas configurações. Nesse ensejo, no meio científico existem três maneiras de análises de rural e urbano que são: *abordagem dicotômica; continuun e das permanências das ruralidades*. Pretendem-se conhecer cada uma delas e suas perspectivas de análise, para subsidiar o entendimento sobre o tema proposto, principalmente, com estudiosos brasileiros.

Na primeira opção de análise é denominada de abordagem dicotômica, a geógrafa brasileira Marques (2002) deixa sua contribuição ao destacar que nessa linha de pensamento o campo e cidade eram ressaltados as diferenças existentes entre os espaços rurais e urbanos existindo uma relação hierárquica onde a cidade era superestimada e dotada de privilégios quanto que o campo “é pensado como meio social distinto, que se opõe a cidade. Ou seja, a ênfase recai sobre a diferença existente entre estes espaços.” (MARQUES, 2002, pag. 100).

Nesta abordagem dicotômica da relação campo-cidade e rural e urbano é presente principalmente, nos debates de ciências humanas e sociais. É marcado por uma visão setorial em que restringe o campo a produção agropecuária e a cidade como polo industrial (HESPANHOL, 2013).

Desse modo, nessa abordagem é atribuído as idealizações de campo como atrasado e cidade como moderno. Segundo Hespanhol (2013) essa visão contribui para a criação de novos mitos e o fortalecimento entre a dicotomia entre esses meios, inclusive, na atualidade. Marques (2002) enfatiza que há uma oscilação entre a valorização do moderno embasado na ideia de progresso, ou na valorização do tradicional resgatando o passado, desse modo, a cidade é valorizada por seus atributos de modernidade e o campo por se opor e resgatar o bucólico e a tranquilidade.

No Brasil essa abordagem predominou até meados dos anos de 1980, no entanto, ainda se faz presente na atualidade por meio das representações sociais ou mesmo nas práticas de ensino, na qual fortalece os estereótipos e preconceitos sobre as populações do campo.

Quanto a segunda abordagem denominada de *continnun*, surge em meio de um novo contexto de mudanças no Brasil. Gradualmente, a abordagem anterior de dualidade é substituída, por não ser capaz de explicar a nova realidade surgida devido aos processos de modernização e urbanização.

Conforme a sociedade adquiria novos hábitos, costumes e representações espaciais, houve também uma nova interação entre o urbano e rural, não somente em aspectos culturais, mas também nas fronteiras físicas entre cidade e campo, visto que, passou-se a cogitar o desaparecimento do rural em decorrência a homogeneização dos lugares.

Wanderley (2001) salienta que a abordagem de *continuun* pode ser analisado através de duas vertentes, a primeira; reforça a distinção entre o rural e urbano e de suas características, associa o rural como subordinado à lógica urbana e que portanto, perderia sua forma tradicional pelo avanço completo da urbanização, levando assim ao desaparecimento do rural, já a segunda vertente defende a aproximação e interação entre ambos, reforçando as relações sociais havendo a permanência do rural.

Os autores que defendem esta primeira vertente são José Graziano da Silva e Del Grossi (2001). Em síntese, os autores defendem que as atividades agrícolas provocam o crescimento da urbanização do meio rural, que por sua vez se manifesta tanto nas áreas de produção agrícola quanto nas áreas “tradicionais” onde predomina as atividades não agrícolas, em que denomina de *rurbano*, o rural urbanizado, ou seja,

o rural tende a se urbanizar e perder suas particularidades frente a urbanização completa, a racionalidade urbana tende a sucumbir o rural.

A partir da nova interação rural-urbano, surgiu a necessidade de compreender as novas relações espaciais. A abordagem de continuum de rural-urbano defende a tendência de homogeneização desses espaços, devido a expansão da globalização. [...] o avanço do processo de urbanização é responsável por mudanças significativas na sociedade em geral, atingindo também o espaço rural e aproximando-o da realidade urbana. (MARQUES, 2002.p,100), ou seja, o enfoque desta lógica defende o continuum entre as fronteiras físicas entre campo e cidade onde o urbano será predominante frente ao rural.

Por outro lado, Carneiro (1998) reconhece a nova interação atual entre os espaços rurais e urbanos. É inegável não perceber atualmente as novas dinâmicas, no entanto defende que o resultado dessa aproximação não levará a urbanização completa do rural e atenta ao fato que essa visão pode levar a não compreensão correta das múltiplas dimensões da realidade.

Desse modo, compreende-se que a leitura das relações rurais e urbanas se materializam de forma dialética frente a lógica capitalista dominante, portanto, as diferenças prevalecem não de forma distintas, mas sim como complementariedade, onde se recriam e interagem entre si. As características de complementariedade entre cidade e campo respectivamente rural e urbano encontram-se nas ruralidades e urbanidades, onde estão presentes nos dois espaços, existe ruralidade no campo e na cidade assim como urbanidades na cidade e no campo, neste sentido, essa segunda vertente de continuum defende a permanências das ruralidades e não a urbanização do rural e a perda de suas particularidades.

Hespanhol (2013) reforça sobre as mudanças que ocorreram, sobretudo na sociedade rural, pois, esta população passou a incorporar novos hábitos e costumes, por conta da velocidade dos acontecimentos em decorrência do fenômeno da urbanização, estas alterações na paisagem rural se materializa na implantação de infraestruturas, e na fluidez dos meios de transportes e do fluxo de informação veiculadas pela mídia, esse processo influenciou a mesclagem das ruralidades no urbano e as urbanidades no rural, através de troca de hábitos relacionados ao modo de vida e a fluidez entre os espaços.

Rua (2006) defende a ideia das urbanidades no rural, ou seja, a permanência das ruralidades, contrariamente, a lógica da urbanização completa do rural e

posteriormente, seu desaparecimento. Nesta concepção o rural é preservado e ressignificado, continuando com suas particularidades, no entanto como território híbrido onde há interação entre o rural e urbano.

As “urbanidades” decorrentes dessa interação, não serão apenas novas ruralidades, e sim, o urbano presente no campo, sem que cada espacialidade perca suas marcas. Logo o espaço híbrido que resulta dessas interações, não é urbano ruralizado nem um rural urbanizado. É algo novo, ainda por definir e que desafia os pesquisadores. (RUA, 2006.pag. 95)

Portanto, atualmente, é incabível analisar o campo e a cidade de forma dicotômica. Os sujeitos desses espaços incorporam uma nova espacialidade, onde não há perda das particularidades rurais, e sim uma ressignificação “dessa forma ampliam-se as coexistências, as contradições e os conflitos entre diferentes temporalidades e espacialidades presente no rural (HESPANHOL, 2013, pag. 08)

Analogamente Marques (2002) compreende a relação cidade e campo de forma dialética, ou seja, se forma na diversidade, a partir das influências das estruturas econômicas e sociais dominantes, com base na divisão social do trabalho e na lei do desenvolvimento desigual e combinado que dialoga com a ideia de tempos rápidos e lentos, referindo-se a velocidade e intensidade que as transformações acontecem nesses espaços.

Silva (2014) traz uma reflexão acerca da ressignificação desses conceitos na contemporaneidade, sendo necessário refletir nas novas formas de (re) organização do homem com o espaço habitado, tendo em vista a quebra da distinção entre o rural urbano, nesse sentido, torna-se cada vez mais difícil delimitar e compreender as atuais áreas ditas urbanas e rurais, dito isto, o mesmo autor:

[...] os simbolismos rurais tão presentes nessas áreas ‘ditas urbanas que se fortalece em meio ao modo de vida urbano que se prolifera em meio a expansão tecnológica, e de novas atividades econômicas integradas à lógica geral do capitalismo (Re) criam-se espaços e (Re) configuram-se funções. As relações cidade-campo tornam-se indissociáveis na construção e desenvolvimento de processos sociais, econômicos, culturais e tecnológicos e nas configurações da realidades híbridas-urbanidades no rural, ruralidades no urbano, como na confecção de uma colcha de retalhos em um tecido urbano com franjas rurais, ora um tecido rural com franjas urbanas, numa única tessitura.” (SILVA, 2014. p. 12)

Nessa perspectiva, reforça-se que na atualidade não se pode analisar as relações urbanas e rurais de forma dicotômica, nem cidade e campo como sinônimos

de rural e urbano, bem como enfatizado anteriormente, pois se torna uma análise simplista e reducionista da realidade. Considera-se a intensidade das relações entre campo e cidade a partir da interação urbana e rural como realidade social que ultrapassam os limites de cada um havendo uma influência mútua.

Portanto, ainda que exista esta interação mútua, há resquícios da visão dicotômica na construção das idealizações de oposição na ideia de campo e cidade como opostos, fortalecendo a ideia estereotipada e preconceituosa sobre o modo de vida rural, sobretudo na superioridade da cidade sobre o campo baseado no moderno e arcaico. “Para se compreender o rural e urbano no contexto contemporâneo é necessário antes de mais nada vinculá-lo aos seus pares dialéticos, ou seja, o campo e a cidade” (HESPANHOL, 2013, pag.105).

3.2 Representações: idealizações e oposições sobre a relação campo e cidade

No tópico anterior, entendemos que não se pode analisar as categorias Rural e Urbano sem vincular com seus pares dialéticos, pois, possuem vínculos indissociáveis. Recapitulando: rural e urbano são os conteúdos, o modo de vida existentes nas formas (materialidade) de campo e cidade que, portanto, atualmente, deve-se analisar o rural além do campo e o urbano além da cidade devido as novas configurações espaciais que proporcionam uma maior interação entre as relações entre essas formas. Assim, partimos do pressuposto que atualmente, a leitura geográfica entre esses meios se faz através dos vínculos indissociáveis e das permanências rurais.

Dito isto, esse momento é dedicado a discutir e posteriormente, entender como a relação campo e cidade e seus conteúdos são compreendidos pela sociedade através de suas representações sociais visto que, não se pretende definir ou classificar essas categorias e sim, conhecer as concepções sobre elas através do olhar geográfico e leitura de mundo dos alunos participantes. Diante dos resultados obtidos na atividade de campo torna-se pertinente abordar tal assunto para subsidiar as concepções apresentadas por eles. Vale ressaltar o pensamento que as concepções apresentadas pelos alunos não estão relacionadas somente aos saberes e conceitos concebidos na sala de aula, ou seja, estão ligados também a suas

experiências cotidianas e ao senso comum, portanto, recebem diferentes interferências na formação conceitual própria.

Esta etapa da pesquisa é importante, pois, vai nos subsidiar a entender as relações de campo e cidade embruscadas nas idealizações baseadas nos mitos referentes as representações sociais criadas sobre esses espaços, entrelaçadas na oposição: progresso/ atraso e suas relações mútuas na contemporaneidade. Ideias estas, embasadas com autores que discutem estas categorias no meio acadêmico, sendo que a principal referência será a autora Priscila Bagli (2006). O esclarecimento do debate irá favorecer a compreensão das concepções dos alunos pesquisados na aula de campo, haja vista que estas idealizações e representações foram presentes.

A relação entre campo e cidade é antiga, pois, diante das transformações em algum momento do processo histórico foram idealizadas de forma oposta. No entanto, atualmente, o campo vem sendo mais valorizado, mas anteriormente a ideia de oposição era mais forte visto que, a abordagem dicotômica predominou por um tempo no meio científico. Todavia, ainda há resquícios desta ideia nas representações sociais na atualidade.

Nesse sentido vale reforçar o papel das relações econômicas e culturais que vêm cada vez mais modificando esses espaços, assim como a representação sobre campo e sua relação com a cidade e o que se percebe é uma maior interação na relação entre ambos o que atualmente é denominado de vínculo indissociável.

A autora Bagli (2006) expõem sua contribuição sobre a construção da idealização de mitos sobre o campo e a cidade, e o surgimento da visão dicotômica entre ambos, a autora expressa através dos significados das palavras a idealização e representações sobre esses meios, onde não deixam de ser influenciadas pelo ambiente social, “palavra tem seu verdadeiro sentido alterado, influenciado por idealizações e depreciações, sejam elas construídas na atualidade ou buscadas no passado”.(BAGLI, 2006, pag.14), neste sentido a autora busca explicar o surgimento das diferenciações através da origem das palavras.

De acordo com a autora supracitada o critério de delimitação entre campo e cidade eram suas respectivas localizações, a cidade era fundamentada na aglomeração e nas tomadas de decisões políticas; quanto que o campo era o espaço do trabalho manual e de pouca população.

O quadro abaixo demonstra a maneira que era representado as pessoas do campo e da cidade, percebe-se claramente que os cidadãos são vistos com

superioridade quanto a população campesina, que por sua vez, era vista de forma hierarquizada, onde o campo é representado com aspectos negativos e desqualificados diferentemente da cidade.

Quadro 1- Origem e significado de Campo e Cidade

Cidade \ Urbano	Campo\ Rural
<p>Civitas. 1. Condição de cidadão; direito de cidadão. 2. conjunto de cidadão. 3. Sede do governo; Estado; cidade; pátria. 4. =Nenhuma entrada de índice de ilustrações foi encontrada..</p>	<p>Campus m. 1. Planície; terreno plano; Veiga, campina cultivada. 2. campo ou terrenos para exercícios. 3. campo de batalha. 4. os exercícios do campo de Marte; os comícios; as eleições. 5. produtos da terra.</p>
<p>Civis m e f. 1. cidadão livre; membro livre de uma cidade, a que pertence por origem ou adoção. 2. Coincidã; coincidadã. 3. Habitante 4. Soldado romano. 5. Companheiro.</p>	<p>Campensis adj. 1. Relativo aos campos; campestres. 2. Epíteto de Ísis que tinha um templo no campo de Marte.</p>
<p>Urbs f. 1. Cidade (em opos. a rus ou arx) 2. A cidade por excelência. 3. Cidade, população de uma cidade, os cidadãos; Estado. 4. Morada; asilo.</p>	<p>Rus m. 1. Campo (em opos. a domas “casa” e urbs “cidade”. 2. Terras de lavoura. 3. Casa de campo. 4. Território; região. 5. Fig. Rusticidade, rudeza. 6. PL Propriedade Rural; o campo (em geral).</p>
<p>Urbanus adj. 1. Da cidade (Em opos. Rusticus); da cidade de Roma; urbano. 2. civil (em opos. a castrensis); Pacífico. 3. polido; fino; delicado; urbano. 4. Espirituoso; engraçado; engenhoso. 5. Divertido; folgazão; gracejador. 6. Elegante; esmerado; (fal. Do estilo); que usa linguagem apurada. 7. Imprudente; desavergonhado; indiscreto.</p>	<p>Rusticus adj. 1. Dos campos; do campo; rústico; campestre; rural. 2. Fig. Rústico; agreste; rude; inculto; grosseiro; tosco; labrego; saloio; desajeitado; sem elegância. 3. Simples; ingênuo; pouco atilado; estúpido. 4. Inacessível ao amor; esquivo; bisonho. 5. Camponês; lavrador; campônio.</p>

Fonte: Org. BAGLI, Priscila, 2006

Assim a idealização da cidade é construída de modo segregador. São através desses aspectos acima demonstrados, de civilidade e moderno, arcaico e atrasado que o campo é associado de forma antagônica à cidade. O conceito civilidade denota qualidade de polidez, cortesia, boa educação estabelecendo uma hierarquia entre cidadãos citadinos quanto aos demais. Já rústicos, rudes, plebe e campesinato representa um estado de evolução e transformação da barbárie à civilidade (BAGLI, 2006).

Desse modo, é atribuído ao campo e a cidade como espaços duais, o primeiro como espaço de atraso e a cidade de civilidade, o moderno *versus* arcaico. O surgimento dessa diferenciação criou no imaginário popular representações errôneas

principalmente sobre o campo, um exemplo clássico pode ser encontrado na literatura brasileira com a figura do Jeca Tatu na qual, Nunes (2009) apresenta sua contribuição:

O Jeca assim, é um caboclo preguiçoso, apático, atrasado, e responsável pelo atraso do país, uma criação estereotipada de grande força simbólica que busca realçar os contrastes entre o interior e o litoral, entre o moderno e o arcaico, temas recorrentes ao pensamento social brasileiro à época. (NUNES, 2009.p.37)

Essas idealizações sobre a imagem do campo e de sua população, obscurece o verdadeiro entendimento sobre a relação existente sobre o campo e a cidade, esse discurso é reproduzido de maneira a menosprezar o campo carregado de preconceito e estereótipos quanto ao modo de vida rural. Essa ideia ainda se faz presente nas esferas sociais, que se perpetuou no tempo e tende a subalternizar o campo à cidade.

Para Marschner (2015) o processo de modernização e urbanização do campo brasileiro gerou o processo de diferenciação social intensificando a dicotomia entre campo e cidade, ressaltando os valores relativos a cidade como moderna e campo como atrasado. O autor ressalta que o caráter subalterno relegado ao rural tem suas raízes históricas baseadas na construção de um imaginário hegemônico onde as representações do rural seguem esquemas classificatórios inconscientes e irrefletidos seguindo uma fração hegemônica como orientação de comportamentos para todas as classes sob seu julgo.

Marschner (2015) assim como Nunes (2009) reforçam o papel da literatura brasileira na construção social sobre a imagem do campo e de seus sujeitos sociais relacionando à subalternidade, o autor menciona obras de José de Alencar como “O sertanejo” e posteriormente, com a figura do “Jeca Tatu” com a autoria de Monteiro Lobato. O autor afirma que esta obra teve um grande impacto nas representações sociais relacionada sobre o que é rural e o homem do campo que perduram na atualidade, principalmente, nas manifestações culturais e no imaginário popular que invisibiliza e dificulta a luta do homem do campo como sujeito autônomo e político. Esse tipo de representação apenas reforça no ideário popular as diferenças e estereótipos referente ao campo e o modo de vida rural.

Nesse sentido, considera-se que o processo de industrialização alavancou o pensamento da cidade como moderna e o campo com atrasado.

As inovações absorvidas pela cidade, e ao mesmo tempo tendo essa como seu berço, aumentaram a lacuna entre campo e cidade. O campo é associado

a uma imagem do passado, enquanto que a cidade era a visão do futuro, o retrocesso versus o progresso. (NUNES, 2009.p.33)

Hespanhol (2013) analisa as mudanças nas relações campo-cidade decorrentes as transformações sociais, econômicas e políticas advindas do processo de industrialização, relações estas que se ressignificaram, em consequência disto, houve a revalorização do rural, que antes era visto de forma distintas não somente ideologicamente, mas como também a organização e produção do espaço. Além disso, enfatiza a importância da afirmação das particularidades que distinguem o campo e a cidade bem como as relações de complementariedade que existe entre ambos na atualidade.

Entretanto a deterioração das condições de vida das cidades brasileiras, sobretudo, nas metrópoles- mas não, exclusivamente, nelas, em virtude dos problemas e agravamento de falta de saneamento básico, habitação, transporte público, atendimento médico-hospitalar etc. tem levado uma revalorização do campo, não apenas como lugar de desenvolvimento das atividades agropecuárias, mas também como espaço para viver e desenvolver outras atividades, emergindo as novas ruralidades derivadas da presença das atividades não agrícolas como turismo e prestação de serviços. (HESPANHOL, 2023.p. 104)

A crescente revalorização e idealização do campo relaciona-se a partir dos inúmeros problemas estruturais surgidos nas cidades, por conta da modernização que se deu de forma desigual, ocasionando o aumento da violência, criminalidade aumento do fluxo de pessoas, fazendo com que as qualidades do campo que antes eram invisíveis passem ser atributos positivos, ou seja, a tranquilidade e modo de vida lento do rural passa ser uma alternativa para lazer, ou até mesmo uma opção de moradia, o rural passa a ser valorizado por atributos que a cidade não possui.

Bagli (2006) entende que as diferenças entre rural e urbano passa por um processo de negação e afirmação. Onde um espaço é negado por aquilo que não tem, como exemplo o rural e determinados recursos, porém, a cidade e o urbano são valorizados por tê-lo, ou seja, afirmado, isso ocorre pela afirmação de um através da falta do outro. As representações e idealizações criadas sobre o campo e cidade foram construídas no decorrer do processo histórico de forma oposta, no entanto, atualmente não se nega a existência da complementariedade nas relações de afirmação e negação entre esses espaços. A mesma autora:

Os mitos construídos sobre o campo e o modo de vida rural fundamentaram-se no passado. Seja um passado representante do atraso, quando relacionado à lógica feudal, seja um passado redentor relacionada à busca da harmonia entre homem e natureza, contrariamente ocorreu com os mitos ocorridos na cidade e o modo de vida urbano que se basearam no futuro. Um futuro promissor quando pensado sob a lógica do desenvolvimento tecnológico. A cidade vista como expressão e símbolo do novo criado por tal desenvolvimento. Lugar onde o homem consolidaria sua emancipação criadora. Ou um futuro decadente, pois os problemas das cidades se acentuavam mesmo com todo avanço tecnológico, degradando valores e virtudes humanas.

Mitos criados: oposições e complementariedades. Opunham-se no sentido que as virtudes exaltadas de um fortaleciam sobre as deficiências de outrem. Afirmação e negação [...] complementavam-se, pois funcionavam como fuga para ambas realidades. A monotonia e o atraso do campo poderia ser vencido pelo contato com a cidade, da mesma forma que o caos das cidades seria solucionado pela fuga ao campo (BAGLI, 2006.p.56)

Sob a perspectiva exposta percebe-se uma idealização tanto do campo quanto à cidade, entrelaçado numa lógica dialética de oposição e complementariedade. Nunes (2009) em sua pesquisa verbera que o “novo rural” surgido atualmente, é concebido pelos cidadãos como uma fuga do caos das cidades, porém, a idealização sobre o campo continua sendo de subordinação à cidade e o modo de vida urbano sendo superestimado.

Nesse íterim, a cidade prossegue enaltecida, considerada como produtora de cultura e como prova da ilimitada capacidade humana, o campo é colocado à sua sombra, como exemplo de limitação e ignorância, mas também de tranquilidade e refrigério. (NUNES, 2009. p. 36)

. Portanto, embora o campo e a cidade tenham passado por inúmeras transformações desde o século passado, em decorrência do processo de globalização, industrialização e modernização, nas quais suas dinâmicas foram alteradas, a visão dicotômica construída historicamente ainda permanece no imaginário social e em suas representações.

4 ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE RURAL E URBANO

Este último capítulo será dedicado a análise de resultados coletados em campo, especificamente no recorte espacial de pesquisa, a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Jaquara II, localizada na comunidade de mesmo nome, Jaquara O tópico inicial conheceremos através de um breve histórico um pouco sobre a comunidade de Jaquara, sua formação territorial e identidade, em seguida,

apresentaremos a escola de Jaquara II, trazendo uma retrospectiva da história e implementação de um projeto educacional na comunidade, assim como, explicitando a forma de funcionamento ao longo do tempo até os dias atuais. Por último, apresentar as análises de concepções dos alunos sobre o rural e urbano e as considerações geográficas necessárias.

4.1 Apresentação do recorte espacial de pesquisa: Comunidade de Jaquara

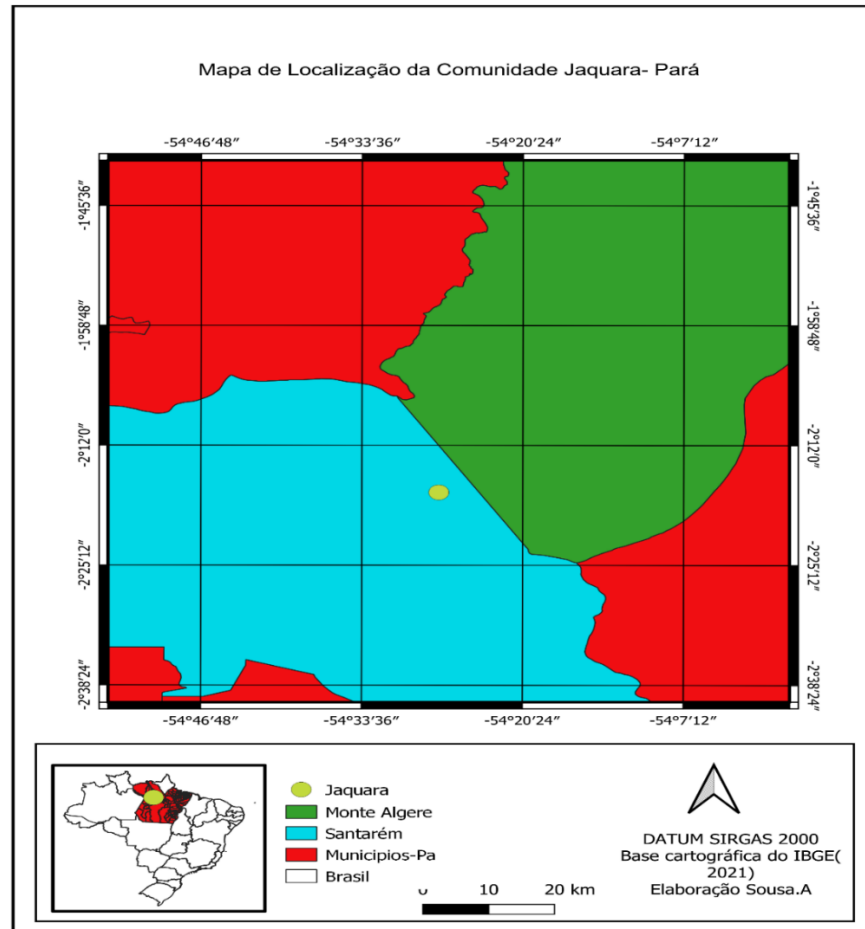
A comunidade de Jaquara, está localizada na margem esquerda do Lago Grande, acerca de 92 km do Município de Monte Alegre, Pará. Faz parte da Zona do Lago Grande que é constituída por 15 comunidades sendo que, 8 pertencem a área de várzea e outras 7 são de área de terra firme, as populações que residem entorno do lago dependem principalmente, do pescado para garantir o sustento familiar. A comunidade possui aproximadamente 6 km² em extensão territorial, sua população é composta por aproximadamente 1.200³ comunitários de todas as faixas etárias de idade. Compartilha sua fronteira física com as comunidades de Calvário e Passagem.

Segundo Carvalho (2010) o relevo Jaquarense em sua maioria é composta por planícies. Convém mencionar que a planície Montealegrense caracteriza-se fisicamente a denominação do lugar: os Montes ou serras como o do Ererê, Paituna, Serra Oriental e Serra Ocidental. O Jaquara é uma região que começou a ser ocupada no século XIX quando a localidade era denominada de Uruxiacá.

Quanto a hidrografia é constituída pelo Lago Grande de Monte Alegre, muito piscoso e utilizado pela população local oferecendo navegação de pequeno e grande porte somente na época de enchente, pois, o lago é intermitente. Entre os rios se destaca o Rio Amazonas, maior em extensão e volume d'água que banha a porção sul do espaço geográfico Jaquarense possibilitando o intercâmbio com outros lugares. O relevo e a hidrografia são elementos importantes que constitui a região, os rios e lagos facilitam a vida do homem na navegação e na pesca para garantir a renda familiar, entre outros fatores que ajudam a desenvolver o lugar. A Figura 1 e 2 abaixo representa a localização da Comunidade e da Escola.

³ Dados disponibilizados pela Agente de Saúde comunitária.

Figura 1- Mapa de Localização da Comunidade de Jaquara -Pará

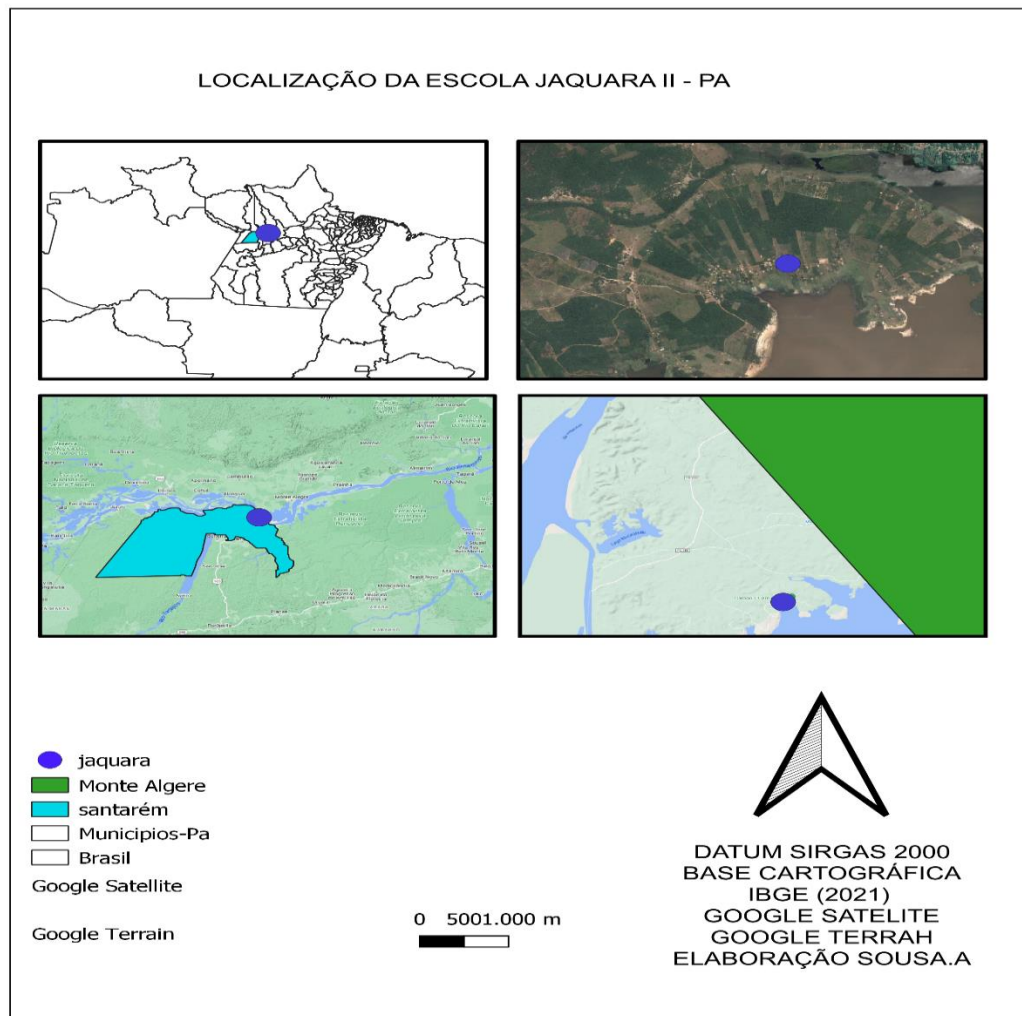


4

Fonte: Sousa. A, 2022.

⁴ Segundo a delimitação do IBGE 2022, a Comunidade de Jaquara está dentro das limitações do Município de Santarém e não se sabe ao certo quais critérios foram utilizados. Porém, a identidade e pertencimento da População dessa localidade é Montealegrense, haja vista que quem gere as escolas e a parte referente a gestão pública é o Município de Monte Alegre.

Figura 2- Mapa de Localização da Escola de Jaquara II-PA



Fonte: Sousa. A, 2022.

Desconhece-se com precisão a data de fundação da comunidade. De acordo com as vozes dos sujeitos históricos de Jaquara, sobretudo, que compõe a formação identitária, é que a ocupação do território comunitário se deu aproximadamente no final do século XIX. Infelizmente, não existe uma história documental precisa sobre o processo de formação e ocupação, apenas resquícios fragmentados que sobreviveram através do tempo, nas falas dos mais velhos. Na pesquisa realizada no cemitério da comunidade, a data mais antiga aponta para o ano de 1900, supõe-se que desde o século passado já existiam pequenas populações que residiam pela localidade.

O nome “Jaquara”, tem origem de uma história que também se perpetuou no tempo, segundo os velhos, os primeiros moradores batizaram a Terra tendo como

referência o pássaro Jacú, que inicialmente a espécie vivia em abundância pelas redondezas, a ave de pequeno porte com a penagem preta e de rabo amarelo era muito comum, inclusive, um fato curioso, a cor e brasão da escola referenciam o pássaro, os comunitários o adotaram como símbolo que representa a comunidade.

As construções das casas a maioria são construídas de alvenaria e com varandas, os quintais possuem árvores frutíferas e plantações de hortaliças, os terrenos são todos delimitados, demarcando a propriedade particular de cada morador o que se percebe é o contraste dos aspectos tanto rurais quanto urbanos.

Embora o cenário descrito pareça tranquilo, nem sempre a comunidade esteve no momento de paz. Os principais conflitos na comunidade são conflitos de rios. Atualmente, as 15 comunidades que fazem parte da Zona do Lago Grande⁵ lutam para proteger o Lago da pesca predatória ilegal, afim de garantir seu próprio sustento e a preservação das espécies de peixes.

Além disso, conta também com problemas ambientais, como as queimadas e desmatamento de grandes áreas de mata para a plantação de cercado para a produção da pecuária. Outro fato preocupante para o futuro, é a chegada da soja, ao longo da PA 255, recentemente asfaltada, importante ponto de estratégia para tráfego e escoação de grãos entre outros, que liga o porto de Santana- Monte Alegre a cidade de Santarém- Pa.

No presente, a comunidade está com sua associação inativa, devido a conflitos internos. Não existe um presidente comunitário oficializado e escolhido pelo povo, a ACAPAPJ (Associação Comunitária Ambiental dos Produtores Agrícolas e Pescadores do Jaquara) permanece adormecida atualmente.

No que tange a economia a principal fonte de renda da população é através da pesca. Também se destacam a produção de bovinos e bubalinos e pequenos comerciantes, igualmente, merece destaque a agricultura de subsistência, com cultivo da mandioca, feijão, milho, banana, açaí e melancia.

No ano de 2009 a comunidade foi contemplada com o Programa Luz para Todos, com energia elétrica 24 horas, com isso, o modo de vida das pessoas mudou, conseqüentemente a configuração espacial. Atualmente, conta com pequenos

⁵ Refere-se ao território de pesca das comunidades que estão localizadas entorno do Lago Grande que sobrevivem principalmente da atividade pesqueira. Atualmente as 15 comunidades formalizaram a comissão de Pesca da Zona do Lago Grande com o objetivo de proteger a biodiversidade e a garantia do pescado como meio de sobrevivência, principalmente da pesca predatória.

comércios, açougue, internet via wi-fi entre outros, nessa mesma época foi construída uma nova estrada denominada “estrada grande”, a antiga era chamada de “estrada da beira” por sua localização próximo ao lago. O fluxo de transporte naturalmente, se intensificou, percebe-se o crescente número de pessoas que possuem motocicletas, que gradualmente, substituíram as bicicletas. Essa nova dinâmica espacial possibilitou a chegada de novos e antigos moradores que migravam para as cidades principalmente, para terminar os estudos e buscar emprego, no entanto, alguns acabavam voltando para seus respectivos lugares de origem.

4.2 Caracterização da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Jaquara II

No plano Educacional, Jaquara e outras comunidades da zona rural da região, por muito tempo foram esquecidas pelos órgãos públicos, o direito à educação e a escola foi conquistado somente, por volta de 1960⁶. Os primeiros resquícios educacionais foram realizados pela moradora Leonor Lira Bernardes que se voluntariou e formou a primeira turma com 60 alunos da alfabetização a 2^o série, tendo como espaço físico sua própria casa. Anos mais tarde a escola passou a funcionar em um barracão construído pelos moradores locais.

No ano de 1971, Jaquara foi beneficiada com a primeira escola de madeira construída pela prefeitura de Monte Alegre em um terreno doado por um residente local, a princípio, funcionava apenas com três professoras: Anita Monteiro Bernardes, Gracilene Miranda Mota e Leonor Lira Bernardes, mulheres que fizeram parte da iniciação escolar da maioria das pessoas mais velhas que habitam a comunidade, atualmente, são lembradas com respeito e afeto.

Em 1979, outra escola foi construída, desta vez com a estrutura maior, com três salas e uma cozinha, porém, em 2001 as estatísticas mostraram números insuficientes exigido pelo MEC, principalmente, nas comunidades vizinhas, como solução, a Escola Jaquara II foi escolhida para funcionar como polo para agregar os demais alunos das comunidades, Cerquinha, Calvário, Flexal I e Flexal II, o critério de

⁶ Todos esses dados relacionados a datação estão disponíveis no PPP (Projeto Político e Pedagógico) da Escola Jaquara II.

escolha foi principalmente pela localização geográfica central que interligava as demais comunidades.

Portanto, com o anseio de melhorar as expectativas de ensino, novamente foi construído um novo prédio escolar com um pavilhão com três salas, dois banheiros e uma secretaria. Em 2004 com o aumento da demanda de alunos a escola ganhou mais um pavilhão com três salas, dois banheiros e uma cozinha, passando a funcionar nos turnos da manhã e tarde com as modalidades de ensino: Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano e ainda recebe três turmas do Ensino Médio pelo SOME⁷ (Sistema de Organização Modular de Ensino) da Escola Francisco Nobre de Almeida anexo da escola Jaquara II.

Quadro 2 -Demonstrativo dos Níveis de Ensino, turmas e nº de alunos

Níveis e modalidades	Turmas	Nº de Alunos
Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II	Maternal	16
	Pré I	16
	Pré II	18
	1º ANO	14
	2º ANO	18
	3º ANO	17
	4º ANO	20
	5º ANO	21
	6º ANO	30
	7º ANO	24
	8º ANO	19
9º ANO	32	
Total		242

Fonte: 2021, PPP Jaquara II.

A referida escola foi contemplada no ano de 2018 com programa Mais Educação com as oficinas de música, percussão, teatro e conhecimento pedagógico. A maioria de seus discentes são oriundas predominantemente da comunidade sede da escola pólo, com famílias de lavradores, agricultores e pescadores.

⁷ Modalidade de Ensino que garante o Ensino Médio as localidades distantes das sedes Municipais, são comunidades onde não possuem um prédio escolar como o ensino regular por ter menos alunos, de acordo com o Art.1º Esta lei regulamenta o Sistema de Organização Modular de Ensino - SOME como Política Pública Educacional, no âmbito da Secretária de Estado de Educação-SEDUC, de acordo com a legislação vigente e estabelece normas gerais para a sua adequada estrutura e funcionamento nas escolas do campo, das águas e florestas.

Figura 3- Vista Panorâmica da Escola Jaquara II



Fonte: Corrêa, 2022

Figura 4- Vista frontal da Escola Jaquara II



Fonte: Corrêa, 2022.

Foto registrada no período atual, segundo semestre de 2022. No que tange, as aulas, a escola retomou presencialmente, somente no início deste mesmo ano, porém no ano de 2020 as aulas foram paralisadas e somente no segundo semestre

de 2021 voltaram com as aulas remotas, no entanto, com adaptações para a adequação da realidade rural, com cadernos de atividade para entrega semanalmente, haja vista que a comunidade não possui acesso à internet, ou apenas alguns moradores detêm essa tecnologia.

4.3 Caminhos Metodológicos da pesquisa

Para a realização geral deste trabalho foi realizado primeiramente a revisão bibliográfica com base em livros, artigos e teses de autores que tratam sobre o tema para melhor fundamentar as temáticas discutidas. Nesse sentido, vale ressaltar que a revisão bibliográfica consiste:

Uma compilação crítica de obras que discorrem sobre uma temática ou seja, a revisão de literatura, por ser um diálogo feito pelo pesquisador-escritor do trabalho e os autores por eles escolhidos para debater a temática, resulta em um texto que não precisa ser inédito, mas sim um texto analítico e crítico das ideias estudadas sobre a temática escolhida para o trabalho (BRIZOLA; FANTIN, 2016, p.27).

Portanto, esta pesquisa está dentro do viés qualitativo, onde seu principal fundamento é a compreensão do mundo empírico, nesta abordagem é valorizado o contato direto do pesquisador com objeto a ser estudado. Para a realização de tal etapa é necessário um planejamento prévio para o desempenho da atividade de campo, em que se opta pela técnica de pesquisa que melhor se encaixe no objetivo de análise.

O interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações, (GODOY, 1995.p.61)

Ou seja, o pesquisador desta modalidade de pesquisa se conecta ao sujeito pesquisado, com o intuito de desvendar e analisar o seu ponto de vista, de acordo com suas experiências e vivências com o objetivo de compreender os significados que atribuem por meio de suas falas determinados fenômenos. Desse modo, o mesmo autor acima define:

Os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes. Considerando todos os pontos de vista como importantes, este tipo de pesquisa "ilumina", esclarece o dinamismo interno das situações, frequentemente invisível para observadores externos. (GODOY,1995.p.61)

Esse processo é de cunho exploratório, investigativo e descritivo, vale ressaltar que o investigador precisa estar preparado para as diversas interpretações que surgem ao longo do caminho, nesse sentido, a construção de um pensamento torna-se processual de acordo com a investigação. Portanto, a pesquisa qualitativa se caracteriza pelo contato direto entre pesquisador e objeto de estudo, valorizando o sujeito como dotado de opiniões, vontades, saberes e crenças, possibilitando a construção de conhecimento ao longo do processo, dispensando qualquer (pré) conceito antes de vir a campo, pois, contempla o conhecimento de quem está sendo pesquisado.

Partindo desse pressuposto, a técnica escolhida para a coleta de dados foi o questionário aberto. Segundo Fachim (2005) o questionário é uma técnica de pesquisa que abarca uma quantidade maior de pessoas que tem por objetivo coletar informações, tendo em vista que podem acontecer das seguintes formas: pessoalmente, via postal, telefone etc. Sendo que as perguntas podem ser classificadas em abertas ou fechadas, neste trabalho optou-se por perguntas abertas na qual, proporciona a liberdade de resposta pelo sujeito pesquisado, além disso, esse método possibilita a não interferência do pesquisador, onde o informante escreverá o que vem em mente, ou seja, suas próprias concepções podendo trazer à tona uma variedade maior de ideias e posteriormente, uma análise mais rica. Segundo o mesmo:

Questões abertas são aquelas que dão condição ao pesquisado de discorrer espontaneamente sobre o que está sendo questionado; as respostas são de livre deliberação, sem limitações e com linguagem própria. Com essas respostas, pode-se detectar melhor a atitude e as opiniões do pesquisado, bem como sua motivação e significação. (FACHIN, 2005.p.161)

Além disso, permite ao pesquisador uma grande variedade de opiniões "É importante lembrar que, para a pesquisa ter legitimidade, é necessário registrar as respostas literalmente, conforme o pesquisado as emite." (FACHIN, 2005, pag.161)

Analogamente, segundo GIL (2011, p.128) o questionário é a “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Em vista disso, por meio da realização da atividade de campo foi aplicado o questionário aberto, onde os estudantes foram investigados e por meio das falas e escritas dos mesmos, nesta parte do trabalho será apresentado a interpretação dos dados e informações coletado na referida escola, mencionada no tópico anterior.

No âmbito da pesquisa qualitativa, interpretar o pensamento e falas do outro é um trabalho que requer sensibilidade por parte do pesquisador, considerando que todo indivíduo possui uma bagagem de saberes e são diversos os fatores que levam a maturação destes conhecimentos adquiridos, portanto, é uma grande variedade de ideias. Mediante disto, trazemos a seguir a concepção de alunos do nono ano do ensino Fundamental II (anos Finais) em que compreendemos que tais pensamentos se relacionam com aspectos vivenciados e experienciados no meio social. A construção e formação destes conhecimentos estão presentes em suas falas e palavras, observa-se característica de diversos fatores que influenciaram a terem suas próprias concepções e interpretações da sociedade e do lugar onde vivem, fatores estes que podem ser através da escola, da comunidade, da televisão etc.

Trabalhar com concepções dos alunos é torna-los a peça mais importante desta pesquisa em que os torna o objeto de análise. Portanto, são dotados de ideias, representações e conhecimentos que são apreendidos através de saberes científicos, geralmente, recebidos na escola e também a partir de seu cotidiano e espaço vivido. As concepções são o principal norte desta pesquisa, pois, através da percepção de cada um faremos a leitura geográfica sobre as categorias aqui discutidas.

Abaixo segue um quadro explicando o significado de concepção.

Quadro 3- Definições de concepção

Representações mentais, sistemas complexos de explicação (WHITE, 1994).

“[...] rede complexa de ideias, conceitos, representações e, inclusive, preconceitos –em seu sentido valorativo” (PERDIGÃO, 2002, p. 268).

“A. Filosofia clássica (Descartes):por oposição à imaginação, intelecção, isto é, operação intelectual, que se relaciona com o entendimento.

B. Psicologia: operação pela qual o espírito forma um conceito. C. Psicologia: fase primeira do ato voluntário (concepção do objetivo)” (RUSS, 1994, p. 45).

“Operação para a qual o espírito constrói, sem necessariamente apelar para dados experimentais, um conceito ou ideia geral. É também chamada hoje em dia de conceptualização. Na psicologia clássica, é o primeiro momento do ato voluntário: aí o espírito concebe a meta a ser alcançada” (DUROZOI; ROUSSEL, 1996, p. 98

Fonte: Matos e Lima, 2016.

A partir deste quadro os autores MATOS e LIMA (2016) apresentam dois sentidos para esta definição, o primeiro; como “sistemas complexos de explicação” e “rede complexa de ideias, conceitos, representações e preconceitos”. Assim concepção é definida pela maneira que as pessoas concebem, avaliam e agem com relação a um determinado fenômeno. Quanto que o segundo sentido; está relacionado operação de construção de conceitos”.

Assim, as concepções dos alunos que busca-se entender também estão associadas as representações, ideias e conceitos, ou seja, da maneira que eles articulam a formação de conceitos adquiridos pelo ensino geográfico, a partir do seu espaço de vivência, ligados ao cotidiano, e o senso comum.

Inicialmente, apresentaremos o perfil da turma, e em seguida as análises de suas concepções. A turma do nono ano possui 32 alunos; nela foi aplicado um questionário aberto, com questões objetivas, visto que, eles já possuem uma maturidade escolar mais avançada. Nesta turma os alunos têm a idade entre 14 a 15 anos, onde percebeu-se a heterogeneidade de suas origens, alguns advindos de Jaquara, outros, oriundos de comunidades vizinhas, tendo em vista, que a escola é pólo e acolhe a diversidade de lugares e pessoas.

Anteriormente, a aplicação do questionário houve uma visita pré-campo com o intuito de conhecer a escola, buscou-se saber inicialmente, se a turma já tinha contato com os conteúdos rural e urbano. Em conversa com o professor ele expôs que havia trabalhado, no entanto, de forma remota por conta da pandemia, enfatizou também que acompanha os mesmo desde o sexto ano, e que ao longo desse processo de escolarização sempre trabalhou esses assuntos em sala de aula. A partir deste diálogo, definimos o dia e horário para a realização da pesquisa com a autorização da direção escolar.

A análise dos dados acontecerá da seguinte maneira: primeiro momento será apresentado através de quadros e falas as concepções, que eles possuem sobre o

rural e urbano, campo e cidade, buscando entender suas concepções a partir do lugar onde vivem, foram reunidas as ideias que ora discordavam outras se complementavam. Foram realizadas 9 perguntas objetivas, pensadas de modo que, estivesse acessível a resposta para todos, levando em consideração os conhecimentos adquiridos não somente, na sala de aula, mas através do lugar onde vivem e de suas experiências cotidianas.

No questionamento inicial buscamos alcançar respostas para o primeiro objetivo específico da pesquisa que é: identificar a concepção de campo e rural, cidade e urbano considerando a leitura que os alunos possuem a partir do lugar de vivência. Ou seja, o campo.

Para alcançar tal meta, o questionário foi dividido de modo que as perguntas pudessem se complementar e responder as questões acima levantadas. Portanto, nesse primeiro momento ficou subdividido da seguinte forma: as duas perguntas iniciais são para identificar como eles entendem e definem o campo como seu lugar de vivência, a partir de sua leitura da realidade; após esse momento, identificar a concepção deles sobre as categorias rural-urbano e campo-cidade através de suas falas com a produção de frases e associação de palavras.

Logo após, buscamos alcançar o segundo objetivo específico: Conhecer o vínculo de pertencimento dos alunos em relação aos espaços rurais e urbanos. Nessa etapa foi elaborada uma pergunta com intuito de conhecer suas escolhas de moradia seguida de suas justificativas; posteriormente, mais um quadro com associações de palavras vinculando os aspectos positivos e negativos do campo e cidade, com intuito de conhecer suas preferências. Por conseguinte, uma única pergunta foi construída com o objetivo de contemplar o terceiro objetivo específico da pesquisa: Interpretar como a relação campo e cidade são por eles apreendidas.

4.4 Análise das concepções sobre Rural e Urbano, Campo e Cidade

A princípio buscou-se saber se os alunos já tiveram contato no decorrer de sua escolarização com os conteúdos rural e urbano, onde 100% afirmaram que sim, em seguida foi pedido para que classificassem se onde moram se caracteriza como campo ou cidade, assim como, fazer uma pequena descrição do lugar onde vivem. Os Alunos nesta pesquisa serão identificados com "AL" (aluno) seguindo uma ordem numérica de identificação. Todos sem exceção, reconhecem que moram no campo,

percebeu-se em suas falas que concebem o campo como espaço de vivência a partir: da relação homem x natureza ao citar a pescaria como principal fonte de renda e à caça; a forte presença de aspectos naturais demonstrando preocupação com o meio ambiente; atividades produtivas, como criações e plantações; associação do campo como tranquilo e bom para se viver e através de aspectos culturais como festas religiosas e regionais. Nesse sentido os aspectos por eles demonstrados foi a partir do social e cultural. Abaixo, segue a respostas de alguns alunos descrevendo o campo considerando seu lugar de vivência na qual podemos perceber todos esses elementos acima mencionados.

AL. A Moro no campo. Eu vivo na comunidade de Flexal II, uma comunidade bastante arborizada que possui a tradição da pesca, passada de geração em geração. No aspecto cultural, possuímos as festas regionais e também a festividade religiosa do padroeiro da nossa comunidade, O sagrado Coração de Jesus. A nossa relação com a natureza é um pouco conturbada, já que alguns preservam e outros não.

AL. B Moro na comunidade de Passagem eu vou falar um pouquinho do meu espaço onde vivo e assim a gente vive da pesca quando pescamos vendemos uma parte para comprar outros alimentos e outra parte para o nosso alimento outro trabalho é na roça de onde tiramos a mandioca que vai passar por um processo para virar a farinha que é também nossa fonte de renda, criamos galinhas, patos, porcos onde moro a casa e rodeada de árvores que produzem muitos frutos como caju, limão, muruci e vários outros que minha mãe planta.

AL. C Eu moro no campo numa comunidade chamada Jaquara, aqui é tranquilo, ainda temos um pouco de vegetação preservada, tenho várias opções de lazer ao ar livre, a profissão que predomina aqui é a pesca, temos uma comissão responsável pela conservação da nossa biodiversidade e ao meu ver, aqui já foi um lugar bem diferente no passado o que mudou foi o fácil acesso à tecnologia que temos hoje.

AL. D Eu moro no campo. Eu moro na comunidade Ilha do Flexal e como o próprio nome já diz, é uma ilha. Todo mundo se dá bem, todos tem a sua casa, tem festa, folia e eventos. É um espaço muito calmo, não tem moto nem carro, é um verdadeiro paraíso, não tenho do que reclamar.

A partir das palavras e trechos acima dito por alguns participantes da referida turma, descrevem o lugar onde vivem com bastante riqueza de detalhe onde observa-se que eles possuem uma forte ligação com a natureza e a forma que dependem dela para garantir seu sustento familiar. Cada aluno buscou representar o seu lugar evidenciando os aspectos naturais e culturais levando em consideração o campo e o modo de vida típico rural como seu espaço de vivência.

A fala do **AL. C** evidencia que a principal fonte de renda de sua comunidade é a pesca, tal que, reconhece a importância da luta desse território para a preservação da biodiversidade, sobretudo, que a causa fortalece o vínculo do homem com a

natureza em uma relação mútua. O que demonstra uma percepção de preocupação e entendimento sobre os principais movimentos que existem na comunidade.

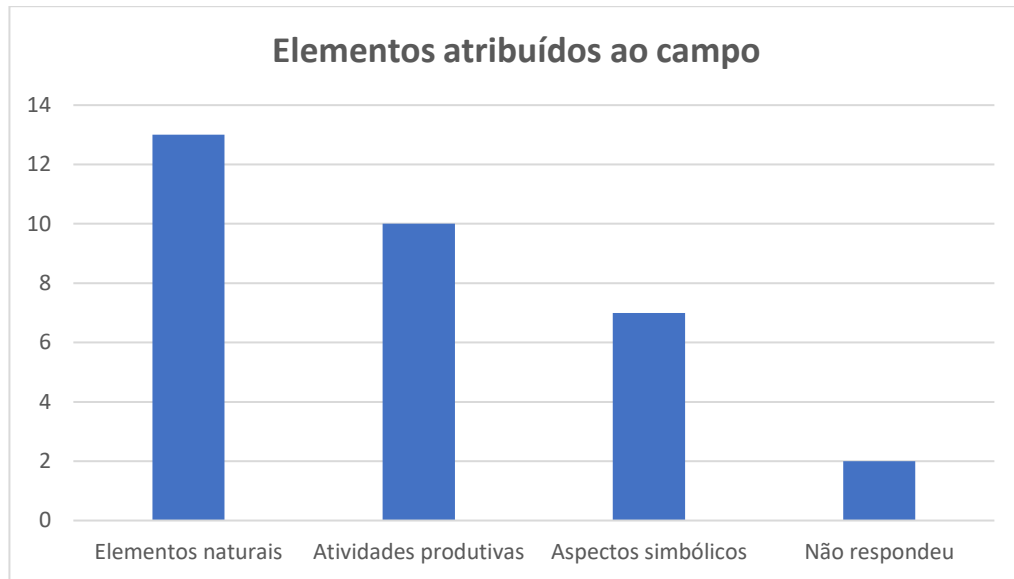
Em seguida, o **AL. B** reforça que sua comunidade também depende da pesca, como também exerce outras atividades como a produção da agricultura familiar, na cultura da roça e na produção de farinha, na criação de animais e plantações de árvores frutíferas, todos esses elementos fazem parte de seu cotidiano e fonte de renda. Quanto que os **AL. A e D** descreveram seus lugares a partir dos elementos naturais e principalmente, ressaltando a cultura local, demonstrando afetividade com o lugar, outro ponto que também foi observado foi a preocupação com questões ambientais o que demonstra uma leitura crítica referente as causas do meio ambiente. Há uma forte associação de campo e o modo de vida rural como lugar tranquilo e predominância de aspectos naturais. Segundo Nunes (2009) o campo é constantemente associado à natureza.

Em seguida, foi elaborada outra pergunta que complementa a anterior: Em sua opinião, como você define o campo? com o intuito de perceber de um modo geral a concepção deles sobre o campo.

Após a leitura minuciosa sobre as escritas de cada um, foi possível separar as ideias a partir de três pressupostos que são a partir: dos elementos naturais; atividade produtiva e aspectos simbólicos.

Os elementos naturais foram citados a natureza e suas características gerais, como rios, lagos, mata e animais, quanto que a atividade de produção foi atribuída a criações de animais, principalmente da pecuária, agricultura referente à roça, atividade de pesca e agronegócio; enquanto aos atributos simbólicos a maioria atribui o campo como um lugar de paz, tranquilidade e boa qualidade de vida.

Abaixo segue um gráfico demonstrando a quantidade de alunos que atribuíram o campo a cada aspecto citado:

Gráfico 1- Seleção de elementos que os alunos atribuíram ao campo

Organização autoral

Percebe-se que a maioria evidenciou os aspectos naturais associados à natureza. Além desse gráfico, foi selecionado algumas respostas na qual podemos identificar melhor essas concepções, de modo que represente cada elemento acima mostrado. Chamaremos de AL: A; AL: B, AL:C e AL:D.

R: AL. A: -as plantas, os animais, rios e lagos.

R: AL. B: ser um lugar mais afastado dos grandes centros urbanos, ser menos povoado, conter uma grande área de vegetação nativa e muito bem preservada.

R: AL.C: ser campo é como nossas criações e nossas agriculturas etc..

R: AL. D: A calma, o silêncio, a tranquilidade que não tem no espaço urbano. Também a falta de recursos que há em cidades e aqui não.

Nas falas podemos observar a presença dos três elementos utilizados no gráfico, onde associam o campo como espaço da agricultura com forte presença da natureza e “menos povoado”. Na última fala percebe-se uma comparação e uma hierarquização do campo e da cidade, onde associa o campo com falta de recursos em relação a cidade, ou seja, um espaço “atrasado” na qual está subordinado aos serviços da cidade.

Em seguida, com o intuito de investigar a concepção deles sobre as categorias rural e urbano foi pedido que criassem duas frases: *Crie uma frase como você define rural / crie uma frase de como você define urbano*. Com o objetivo de interpretar como essas categorias são por eles apreendidas.

Quadro 4- Frases sobre a concepção de Rural e Urbano

Alunos	Rural	Urbano
AL.1	“preservar as arvores do espaço rural faz um bem ao meio ambiente e as pessoas”	“A criminalidade do espaço urbano aumentou nos últimos anos”
AL.2	“O campo é muito bom por causa da natureza se não fosse isso não iria ser tão calmo “	“A cidade é legal por que nela tem acesso a internet direto e tem onde passear.’
AL.3	“A rua está tudo cheio de lama”	“Os asfaltos está cheios de buracos.”
AL.4	“No rural, todo mundo se ajuda, tem várias pessoas e pouca infraestrutura”	“O urbano é muito legal e tem várias escola e hospitais”
AL.5	“Na zona rural é um lugar bom de se viver”	“no espaço urbano é melhor para conseguir trabalho”
AL.6	“Que o espaço rural seja mais valorizado em nosso meio”	“Que o espaço urbano seja um lugar de melhores acessos”

Organização autoral

Abaixo com o intuito de perceber o que compreendem sobre campo e cidade foi elaborado um quadro em que pudessem associar palavras a esses respectivos pares, o objetivo é identificar a concepção que possuem sobre campo e cidade. O quadro abaixo foi organizado de maneira que pudesse contemplar todas as palavras utilizadas pelos alunos, de modo que também agrupasse as palavras que mais se repetiram.

Após a leitura detalhada das escritas, foi observado algumas repetições das palavras, logo, foi separado em diferentes aspectos, tendo referência a organização do quadro do autor Edimar Batista (2014)⁸, onde define alguns elementos de organização: elementos naturais, elementos simbólicos, serviços ou instituições de uso público, infraestrutura, meios de transportes e organização produtiva. Esses elementos estão contemplados nas palavras escritas pelos estudantes. Dessa forma, será representado por um quadro todas as palavras utilizadas por eles, juntamente, com os números de vezes que houve repetição.

Quadro 5 -Separação e agrupamentos de palavras referente ao campo

Elementos naturais	Elementos simbólicos	Serviços, instituições ou uso público	Infraestrutura	Meios de transportes	Atividade produtiva
Igarapé 3	Tranquilidade	Campo de futebol			Trabalho na roça

⁸ Este autor discute as relações entre campo e cidade por meio das concepções dos alunos tendo em vista a categoria lugar como principal ponto de análise.

Lagos 5	Convívio em sociedade	Comércio 2			Agricultura 3
Rios 2	Comunidades	Escola			Criação de animais 4
Pastagens		Açougue			Pecuária
Galinhas 7		Padaria			Plantações
Cavalos 11					
Gados 4					
Arvores 3					
Peixes 7					
Macaco 3					
Cabra 3					
Boi 7					
Jacaré					
Floresta 7					
Água 4					
Plantas 2					
Mata em pé					
Gato					
Pato					
Pescado 2					

Organização autoral

Quadro 6 -Separação e agrupamentos de palavras referente à cidade

Elementos naturais	Atributos simbólicos	Serviços, instituições ou uso público	Infraestrutura (Organização espacial)	Meios de transportes	Atividade produtiva
Praia 2	Trabalhos	Prédios 10	Rodovias 3	Carros 15	Indústrias 3
	Moradia	Parque 3	Ruas asfaltadas 2	Balsa 3	
	Aglomeração	Banco 6	Semáforos	Barco 3	
	Internet	Shopping 2		Moto 8	
	Mercadoria	Loteria		Táxi	
	Automóveis	Lojas 4		Ônibus 2	
	Energia	Salão		Bicicleta 2	
	Embarcações	Hotel 4		Caminhão	
	transportes	Restaurante		Avião	
	Violência	Comércios 3		Trem 2	
		Hospital			
		Cinema			
		Delegacia			
		Posto de saúde 5			
		Portos			
		Estádios			
		Praças 2			
		Caixa econômica			
		Supermercado			
		Centro comercial			

Organização autoral

Ao analisar a construção das frases e comparando com os quadros podemos perceber que os estudantes possuem uma concepção de que campo e o rural são semelhantes, ou seja, espaços únicos ou até mesmo sinônimos, não identificam o rural e urbano como modos de vida específicos do campo e da cidade, assim como estes, a materialidade desses conteúdos.

Nas frases o rural é percebido como espaço de maior presença de aspectos naturais, esta afirmação é contemplada na fala do Aluno 2 ao dizer: “*o campo é muito bom por causa da natureza se não fosse isso não ia ser tão calmo*”, além disso, identifica o rural com a palavra “campo” ou seja, em sua percepção são concebidos como uma só coisa. Em contrapartida, no quadro as palavras que mais se repetiram e de maior ocorrência para representar campo foram em relação aos aspectos naturais como: *cavalos* com 11 repetições, *florestas* com 7 repetições e outros *animais*. Outra semelhança notada foi a atribuição de rural como: “*no rural todo mundo se ajuda*” em concordância com o item do quadro referente ao campo :atributo simbólico “*convívio em sociedade*” demonstrando que nesses espaços há uma relação orgânica mais intensa entre as pessoas.

Outro ponto a mencionar com similitudes foi em relação a atribuição do rural e campo sob a ótica negativa onde “*tem pouca infraestrutura*”, esse trecho é apresentado na frase do aluno 2, nota-se também a ausência de palavras no quadro que possam representar esses aspectos, visto que, essa lógica se aplica também referente a falta de serviços e instituições públicas bem como meios de transporte que são poucas vezes preenchidas no quadro. Na fala “*que o rural seja mais valorizado em nosso meio*” (aluno 6) demonstra uma crítica em relação a não valorização do campo e sua diversidade de vida, ou até mesmo a inserção dos atributos tecnológicos e modernos nesse espaço.

Quanto ao urbano e cidade também se apresentam de maneira similar, os atributos naturais quase não aparecem, diferentemente do rural e campo com bastante atribuições referente a natureza. No entanto, o urbano nas frases é concebido como um lugar acelerado e caótico com problemas sociais associados “*a criminalidade do urbano aumentou nos últimos anos*” assim como no quadro a cidade é atribuída a “*violência*”, “*delegacia*” denotando a uma ideia de medo e caos nesse respectivo lugar.

Nas frases, o urbano também é associado ao lugar das melhores oportunidades de emprego, de estudos, com mais espaços e lazer, como o meio tecnológico, com

acesso à informação e a comunicação, visto que, as palavras utilizadas nos atributos simbólicos à cidade foram: *moradia, trabalho, violência, aglomeração e internet* entre outros. Percebe-se também que as categorias serviços ou instituições públicas, transportes são onde as palavras são mais recorrentes, meios de transportes: carro se repetem 15 vezes assim como moto com 8 repetições, como se esses atributos fossem intrínsecos à cidade, sendo que na comunidade onde moram, esses componentes estão presentes.

Observou-se também que campo e rural são representados por suas atividades produtivas como pecuária, plantações, ou seja, o rural agrícola, quanto que a cidade surge através das atividades industriais. Essa leitura reforça a distinção e oposição entre esses espaços, sobretudo setorial por meio das atividades produtivas. Hespanhol (2013) reforça que a dicotomia rural-urbana é marcada por uma visão setorial em que restringe o campo a produção agropecuária e a cidade como polo industrial.

Portanto, concluímos que as concepções apresentadas por eles são concebidas de modo particular, não cabe nesse momento identificar se está certo ou errado ou definir esses espaços, pois, é a maneira que eles concebem essas categorias de acordo com suas vivências escolares e cotidianas, sob o viés da leitura geográfica foi verificado que eles não conseguem identificar cidade e campo como formas e rural e urbano como conteúdo, em suas percepções essas categorias são a mesma coisa, além disso associam o campo e cidade de forma distinta e opostas; cidade como o lugar das melhores oportunidades, como espaço mais desenvolvido tecnologicamente, em contrapartida o campo aparece como lugar de faltas, com predominância da natureza e tranquilidade, não conseguem enxergar aspectos que existem nos dois lugares simultaneamente, e nas relações culturais e sociais existentes nessa interação.

Se caso você pudesse escolher entre campo e cidade para viver, onde você viveria e por quê?

Essa pergunta foi elaborada para entender como o aluno de uma realidade rural percebe o lugar onde vive, além disso identificar o seu vínculo de pertencimento. Nessa perspectiva, foi percebido uma pequena discrepância entre as escolhas, onde através de suas falas constatou-se duas peculiaridades:

A primeira se caracteriza pelo grau de pertencimento em relação a demonstração de laços afetivos com a terra e elevação das qualidades naturais do

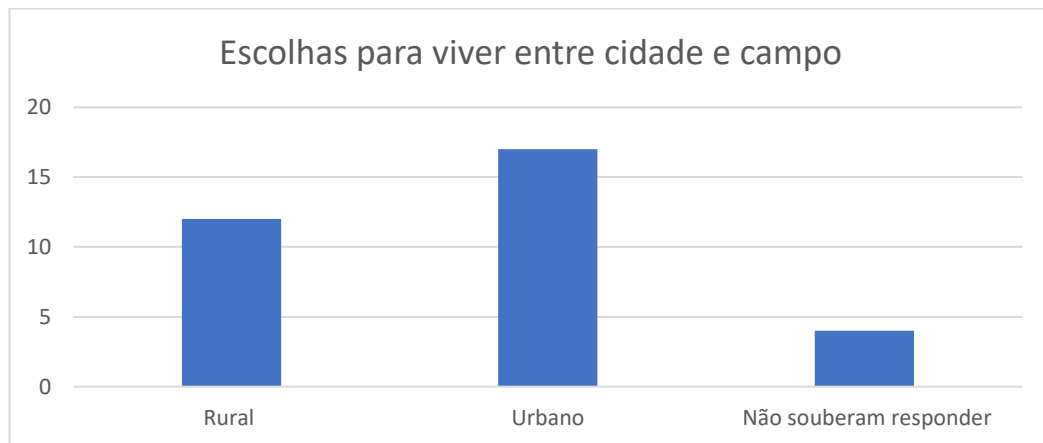
lugar; a seguir os trechos exemplificam: “: *“Eu não mudaria o local onde eu moro pois, eu sou muito feliz aqui e o principal motivo é a minha família e meus amigos.”* (aluno A). Nessa fala podemos perceber o grau de afetividade com o lugar através dos laços afetivos e forte vínculo com a terra.

Enquanto que confirmamos o segundo aspecto: *“escolheria o rural. Por quê, a gente tem acesso a natureza direto e na cidade não, só tem prédios pra todo lado, e aqui não tem trânsito nem muitos barulhos para atrapalharem no dia a dia (aluno B).* Nesse trecho o aluno exalta as qualidades rurais por apresentar um modo de vida mais tranquilo em relação a agitação da cidade.

Em seguida, a segunda peculiaridade demonstra o descontentamento com o lugar onde vivem, salientando aspectos negativos, apontando o desejo de mudança para outro lugar no futuro em busca de melhores oportunidades.

O grupo que escolheu a cidade para viver apresentou a cidade e o modo de vida urbano como o espaço com melhores oportunidade de estudos e trabalho, acesso à saúde e lazer. A seguir foi separado algumas falas feita por eles, juntamente, com suas justificativas: *“Eu escolheria o Urbano porque no rural eu não teria mais oportunidade de estudo e também mais chances de conseguir trabalho”.* (aluno C). A principal questão de escolha apontada por esse grupo está relacionada na busca de melhores condições educacionais e trabalho.

Algumas falas apontam que gostariam de morar nos centros urbanos: *“Eu gostaria de morar em Santarém, porque lá teremos faculdade, estudos e várias outras coisas com facilidade etc...”* (aluno D) outra fala que complementa esta: *“Escolheria viver em São Paulo, pois acho que as oportunidades de estudo e emprego são mais favoráveis lá do que aqui no Pará.”* (aluno E). *“Eu viveria no espaço urbano porque tem mais recursos.”* (aluno F).

Gráfico 2- Escolhas para viver entre Campo e Cidade

Organização autoral

Foi constatado que os alunos da comunidade Jaquara, em sua maioria, preferem morar nas cidades com as justificativas de “fuga” na qual associam essa saída na expectativa de garantir melhores oportunidades de estudo e trabalho [...] a importância da cidade para o campo está em sua condição de ser o lugar do trabalho, para onde as pessoas do campo se dirigem para trabalhar, ou seja, essa seria mais uma condição “vantajosa” da Cidade sobre o Campo, onde mais uma vez essa primeira espacialidade consegue se sobressair frente às “desvantagens” presentes nesta segunda. (NUNES, 2009, pag.114) o que demonstra a preocupação sobre a permanência dessas populações no sentido de valorizar e transformar a realidade, ou mesmo, o abandono do campo em relação as políticas públicas, que segue sendo invisibilizado e subalterno.

Em consequência dessas faltas, por parte do Estado, o campo segue reproduzindo estigmas e problemas sociais, devido ao não planejamento para o desenvolvimento territorial adequado para essas populações, desde o âmbito da educação, saúde e moradia, podemos perceber a falta ou a má efetivação de políticas públicas em concordância com Haje (2005 b) ao destacar a péssima efetivação da Educação para a realidade Amazônica.

Devido esses fatores, percebe-se que existe um vínculo afetivo com a terra, no entanto, mediante os fatores externos mencionados, se torna uma necessidade a saída do campo para essas pessoas, além disso, existe também, a idealização da cidade como o berço de civilidade e desenvolvimento, o que fortalece a ideia que para ter melhores oportunidades é necessário a saída do campo. Sobretudo, para populações o campo não é capaz de gerar empregos ou mesmo outras fontes de

renda, haja vista, que na comunidade é predominante a pescaria artesanal, pecuária e agricultura. Percebe-se que, essas atividades não são valorizadas pelos jovens comunitários, pois, no grupo que escolheu o campo para morar foi apresentado o rural bucólico/romantizado e não como espaço de oportunidades, apenas relacionados a vínculos afetivos com a terra e à família, ao contrário do segundo grupo na qual, suas justificativas de saída foram relacionadas as faltas predominantes no campo.

A pergunta realizada a seguir busca entender quais as concepções sobre o campo e cidade referente à moradia, ou seja, busca compreender seus principais motivos ou preferências, nesse sentido foi pedido para que escrevessem aspectos positivos e negativos do campo e da cidade, esta etapa é importante pois complementa a pergunta anterior, e reforça as justificativas apresentadas por eles. O quadro foi elaborado de forma que os alunos pudessem associar aspectos positivos e negativos sobre campo e cidade, de modo que foi agrupado as palavras que mais se repetiram.

Quadro 7- Palavras atribuídas ao Campo

Positivos e (Nº de repetições)	Negativos (Nº de repetições)
Tranquilidade 4	Sem internet
Contato com a natureza 2	Sem asfalto 9
Silêncio 2	Monotonia
Hospitalidade	Fofoca
Alimento fresco 3	Tédio
Produção	Desmatamento 6
Plantações 7	Queimadas 5
Moradia 4	Poluição 5
Natureza 7	Educação de má qualidade 6
Pescaria 3	Falta de saúde pública 14
Agricultura 4	Violência 3
Solidariedade 2	Furtos
Criações de animais	Falta de emprego 4
Educação 3	Falta de sinalização
Lazer	Sem opções de entretenimento 3
Estradas	Falta de saneamento básico 2
Ar puro	Falta de iluminação pública 3
Boa convivência em comunidade 4	Falta de serviços e comércios 5
Mercados	
Animais 3	

Organização autoral

O quadro acima chama atenção aos aspectos negativos: há uma preocupação quanto ao meio ambiente; as palavras: desmatamento, queimadas e poluição apareceram muitas vezes, outro ponto foi em relação a infraestrutura (mobilidade espacial) comércios e serviços, políticas públicas de saúde e educação são muito

presentes, ou seja, reforça a ideia de abandono por parte do Estado para as populações do campo. Neste sentido, existe uma cobrança quanto a esses componentes para o campo, relacionado a infraestrutura, saúde e educação.

Quadro 8- Palavras atribuídas à cidade

Positivos e (Nº de repetições)	Negativos e (Nº de repetições)
Mobilidade	Poluição do ar 4
Empregos	Lixo 7
Rodovias	Alagamentos 6
Saúde 6	Assaltos 5
Movimentação	Mortes 4
Acesso à Educação 4	Trânsito 3
Emprego 4	Poluição 4
Sinalização 2	Mendigos
Construção	Violência 6
Hospital 2	Aglomerado
Parque	Acidente 2
Área de lazer 3	Drogas
Faculdade 3	Criminalidade 2
Escolas 3	Poluição de rios 2
Infraestrutura	Maltrato de animais 2
Porto	Mídia 2
Policiais 3	Desmatamento 2
Delegacia	
Mercados	
Meios de comunicação	
Cultura	

Organização autoral

Neste quadro referente a cidade percebe-se os aspectos positivos estão relacionados a questões da maior presença de infraestrutura, comércios e serviços, totalmente o oposto apresentado ao campo. O que chamou a atenção foi a palavra “cultura”, como se somente a cidade fosse a detentora de manifestações culturais, ou mesmo a falta de percepção deles além do viés econômico e estrutural. Os aspectos negativos à cidade são relacionados a questões ambientais, criminais, relacionando como um espaço do caos e da violência.

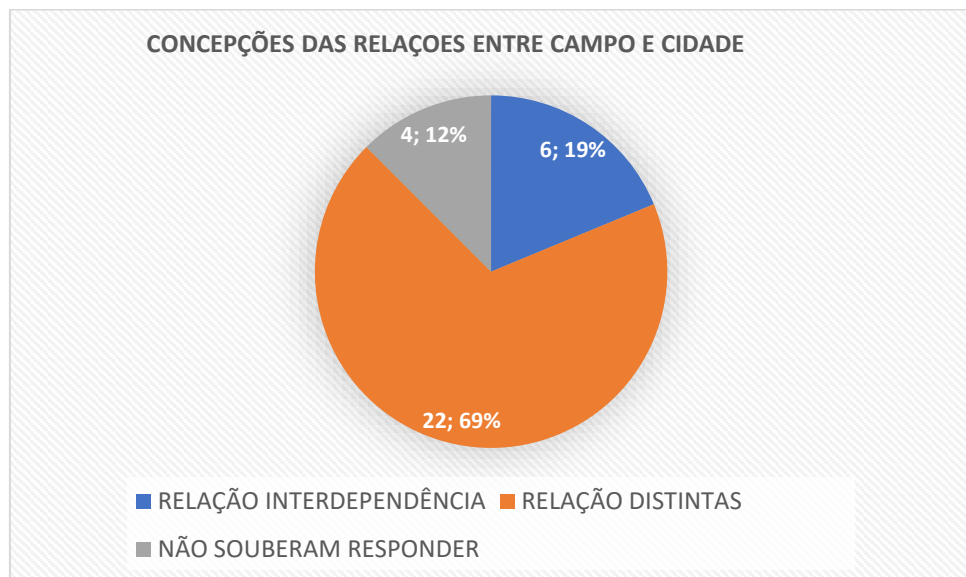
Em sua concepção, qual a relação existente atualmente, entre o campo e a cidade?

Abaixo foi separado algumas ideias dos alunos sobre a relação campo e cidade. Após a leitura e releitura das respostas de cada aluno, buscou-se separar e identificar as ideias centrais por meio das semelhanças e discrepâncias, essa etapa foi complexa, pois algumas respostas não possuíam uma ideia central os textos eram descontínuos, por outro lado, algumas ideias, conseguiram fornecer informações importantes apresentando uma ou mais concepções numa mesma fala, assim, dividimos as ideias apresentadas da seguinte maneira: Relação de interdependência-

onde um espaço precisa do outro, está relacionado com o campo como fornecedor e cidade como consumidora; são destacados a relação dependente um do outro em função da complementariedade decorrente das faltas e diferenças, principalmente, no âmbito econômico ; relações distintas- ressaltando as diferenças existentes entre cidade e campo; se faz presente a ideia que o campo é um espaço menos desenvolvido, e a cidade se apresenta como espaço com acesso à tecnologia, serviços e desenvolvimento, onde a população é dependente para conseguir tais meios, além disso, diferem quanto ao modo de vida.

O gráfico abaixo demonstra a maneira que foi organizado as ideias apresentadas pelos alunos.

Gráfico 3- Concepções das relações entre campo e cidade



Fonte: autora 2023.

Quanto a relação de complementariedade se apresenta no que um tem e outro não, em sua maioria, onde um espaço é negado por aquilo que não tem, como exemplo o rural e determinados recursos, porém, a cidade e o urbano são valorizados por tê-lo, ou seja, afirmado, isso ocorre pela afirmação de um através da falta do outro. BAGLI (2006), apesar de existir o reconhecimento da complementariedade é notório em algumas falas a distinção e oposição, onde o campo é subordinado à cidade⁹.

⁹ Marques (2002) constata que nas sociedades agrárias a cidade existia como centro político-administrativo que organizava o meio rural. Assim a cidade passa a ser como centro de decisões. Além da centralidade econômica e do poder político, se tornando centro privilegiado do consumo e onde se concebe a gestão do espaço.

Essa relação é concebida principalmente, através do setor econômico onde o campo é associado ao setor primário na produção de matérias primas, alimentos entre outros, que fornece as cidades que consomem e produzem novos produtos e alimentos, e a comercialização destes para o campo. Os trechos a seguir apresentam as concepções dos alunos que expressam essas ideias. A dinâmica das atividades econômicas distintas nos dois lugares é vista como sendo dependente um do outro, porém, em seguida há uma hierarquia entre esses meios dentro de uma mesma fala:

AL.1: O campo e a cidade, dependem um do outro; o campo comercializa alimentos para a cidade, e a cidade comercializa produtos para o campo: roupas, aparelhos elétricos, entre outros. Um depende do outro, pra mim a cidade é melhor que o campo, pois, na cidade você tem mais chance de ser alguém na vida, ser uma pessoa bem-sucedida.

Nessa fala, percebemos que embora o aluno reconheça a interdependência entre ambos, em contrapartida, também hierarquiza os lugares ao associar a cidade como lugar mais desenvolvido e com melhores acessos à informação, tecnologia, serviços entre outros, o trecho “ser uma pessoa bem-sucedida” nos faz refletir sobre a questão de políticas públicas para o campo e o não-valor atribuído a esse espaço.

O trecho abaixo compartilha da mesma concepção, onde são concebidos de formas opostas o que se tem presente em um é ausente em outro, a complementariedade se faz presente nas relações econômicas.

AL.2: O espaço urbano tem o avanço da educação, as tecnologias, os meios de transportes, são mais avançados as ruas asfaltadas os carros toda hora passando nas ruas, coisas que aqui no espaço rural não tem , as ruas aqui não é asfaltada não existe transito os movimentos são poucos, mas a cidade com tudo isso, com o avanço da tecnologia ainda precisa muito do campo que fornece frutos e alimentos que só no campo pode ser criado, a cidade também ajuda o campo que as coisas que não tem no campo a gente encontra na cidade então o campo precisa da cidade e o cidade precisa do campo então não tem um melhor que o outro, um depende do outro com mercadorias que vem da cidade pro campo e os alimentos que vão do campo pra cidade.

Nas relações distintas o campo e a cidade são concebidos de forma oposta, desde o modo de vida e principalmente, aos elementos culturais. A associação do campo como um lugar de tranquilidade e predominância de aspectos naturais, em contrapartida com a vida acelerada da cidade também é vista com distinção, no trecho abaixo percebe-se que há essas diferenciações, sobretudo, são elencados os aspectos negativos sobre a cidade.

AL. 3 O campo é muito simples, a natureza é muito bela. No interior podemos sentir bem a natureza, sentimos o vento bater na gente, nós escutamos os sons dos passarinhos. Na cidade tem muito movimento de carro, moto, caminhão etc.. tem vários supermercados, lojas, orlas... na cidade tem muita poluição e isso faz as pessoas adoecer porque polui o ar que nós respiramos. O ruim de morar na cidade também é porque tem roubo.

O modo de vida rural é apresentado como oposto ao modo de vida urbano, quanto aos comportamentos, hábitos e cultura, portanto, o urbano é concebido de forma superestimada, havendo um olhar estereotipado e preconceituoso sobre essas populações e seus modos de vida, tanto que na fala abaixo podemos perceber a idealização sobre ambos:

AL.4 A relação entre cidade e campo é conturbada, as pessoas da cidade acham que os moradores do campo são bestas e os moradores do campo acham que os moradores urbanos são metido.

Nunes (2009) também constata que a oposição entre campo e cidade em que “ter coisas” referente a cidade e o “falta de” quanto ao campo aparece como um não-valor, o não reconhecimento das alteridades culturais visto que, reproduz uma visão preconceituosa. “Quando o enfoque são as pessoas do campo, a diferença é vista como um defeito, um mal. Um exemplo é a lembrança recorrente que no campo se ‘fala errado’.” (NUNES, 2009, pag.119)

AL.5 O campo tem diversos aspectos como a natureza, trabalho, pesca etc... e na cidade tem os recursos avançados como energia boa, internet gratuita e também tem os lados ruins na cidade, como a violência a poluição e etc... no local onde eu moro é uma vida boa porque é diferente no que tem na cidade como na cidade tem poluição e no campo não tem na cidade tem violência e no campo não tem e é assim que eu vejo onde eu moro.

Nesta fala, é observado que o aluno vê o campo e a cidade como espaços distintos, pelos aspectos naturais, divisão do trabalho e modo de vida, onde demonstra a oposição entre os meios como; o campo como lugar preservado naturalmente diferente da cidade que é poluída, a tranquilidade do campo também se difere da violência da cidade. Nunes (2009) faz a mesma constatação em sua pesquisa quando percebe nas falas dos alunos as ideias que o campo é representado como lugar tranquilo e de poucas pessoas. Em contrapartida a cidade surge como sinônimo de aglomeração, mais produtos e o Hábital da violência.

Portanto, foi observado que 22,69% dos alunos apresentaram a relação campo e cidade de forma distintas e opostas, através dos aspectos sociais e culturais e apenas 6,19% reconhecem a relação de interdependência e complementariedade apenas pelo viés econômico. Algumas falas embora haja o reconhecimento de relação mútua ainda apresenta o campo com subordinação à cidade.

O campo e a cidade são percebidos como como extensão um do outro, o que dificulta o entendimento das relações atuais existentes entre esses pares, ou seja, a cidade e campo como materialidade se expandem e se encontram com o processo de urbanização quanto que o rural e urbano extrapolam essa materialidade havendo uma interação econômica, social e cultural, corroborando com Rua (2006) ao defender espaços híbridos.

4.5 Reflexões necessárias sobre o Ensino de Geografia

De modo geral, considerando a leitura que eles possuem sobre o campo como lugar de vivência e espaço de vida, observou-se que concebem o campo como o lugar natural e bucólico com predominâncias dos modos de vidas típicos rurais, como criações de animais, espaço da agricultura, forte predominância da natureza e de espaço da tranquilidade e com faltas em questões sociais governamentais. Enquanto que a cidade é representada com a presença das construções, das indústrias e de maior fluxo de pessoas e transportes, além disso é associada com o lugar das oportunidades e mudança de qualidade de vida. Apesar de apresentarem essas categorias de maneira distintas, a leitura que possuem sobre a relação entre campo e cidade é concebida através de uma relação mútua economicamente, no entanto, reforçando a centralidade da cidade em questão de organização espacial, ou seja, ainda existe resquícios da leitura espacial dicotômica na relação rural-urbana.

Essas fragilidades no ensino aprendizagem indicam a falta de uma instrumentalização geográfica a esses conceitos, demonstrando uma leitura espacial fragilizada, tendo à impressão que não refletem o campo e a cidade além de suas formas físicas e muito menos como categorias analíticas de Rural e Urbano impossibilitando a leitura das relações existentes entre ambas sob o âmbito espacial e geográfico. O que nos faz pensar na fragilidade de mediação didática sobre esses conceitos.

Essa análise também proporcionou a se pensar nas práticas de ensino, principalmente no âmbito da educação do campo e na formação cidadã desses sujeitos referente a autonomia social e política, na busca de direitos e na garantia de políticas públicas oferecidas para essas populações que seguem invisibilizados, assim como a importância da leitura deles a partir de seu lugar de vivência, o campo, pois possibilita refletir sobre a identidade e pertencimento sobre esse espaço e repensar novas formas espaciais no âmbito social e cultural.

Além da escola quem poderia construir o conhecimento necessário frente a essas situações? a ciência geográfica possibilita ao aluno a criticidade o aguçamento do olhar espacial apresentado por Callai (2005), ou seja, desvenda o que está escondido, questiona e nos faz refletir sobre as amarras que nos cercam.

Essa discussão nos insere na principal reflexão deste tópico: como o professor de geografia deve ensinar nesses tempos obscuros? De que forma abordar os conteúdos em sala de aula? Como esses conteúdos implicam na construção do conhecimento para o aluno? Estes questionamentos permeiam durante o processo de formação docente e na prática de ensino, pois é o maior desafio do professor construir novas perspectivas geográficas no ensino aprendizagem.

Ser professor é ter uma responsabilidade social. Portanto, se autoanalisar com o intuito de rever e melhorar suas práticas de ensino é necessário, a ciência e o mundo não permanecem estáticos. Apesar de frisar o papel da autocrítica, sabemos a dificuldade de exercer essa profissão num país que desvaloriza a docência e trata a educação com descaso. Portanto, é um problema estrutural, que nos leva a refletir não somente o processo de ensino aprendizagem, mas também a dinâmica que envolve a formação docente, nesse contexto Castellar (1999) complementa este pensamento ao afirmar:

[...] Estrutural porque a desprofissionalização do professor passa, ainda hoje, pela negligência das instituições governamentais, tendo como consequência o descaso com a formação desse profissional que é precária, resultado da baixa qualidade do sistema educacional. (CASTELLAR, 1999, pag. 51).

A autora chama a atenção ao processo de formação inicial docente, pois, o professor em seu papel terá que desenvolver a autonomia para trabalhar determinados conteúdos atuando como mediador do conhecimento e buscando sempre questionar e investigar fazendo com que o aluno pense e desenvolva

operações mentais e construa conceitos, no mais, buscar romper com as práticas tradicionais, “para tanto deve-se considerar que as atividades práticas aplicadas em sala de aula necessitam ser repensadas como procedimentos que contribuem para o desenvolvimento conceitual e não apenas fixação de conteúdo.” (CASTELLAR, 1999, pag.58) ainda com a autora:

Se a formação do professor é tão importante para melhorar o ensino, estamos de frente a um problema que requer uma solução prática e efetiva. Contudo, dar formação não significa mudar a prática. Em uma sociedade democrática, onde se confrontam múltiplos interesses e estratégias a mudança do sistema educativo terá, necessariamente, um longo percurso. (CASTELLAR, 1999. p. 58)

Essa discussão abordada por Castellar (1999) evidencia o quanto que o papel do educador na atualidade torna-se desafiadora, são diversos problemas a serem superados e analisados. A principal problematização encontrada nesta pesquisa foi referente a concepção de campo como espaço oposto e atrasado em relação à cidade, como romper com esses estereótipos enraizados? sobretudo, reproduzido no meio social, nos livros didáticos, nas mídias e na escola.

Nas falas dos alunos, observou-se que o campo é associado a natureza e a bucolidade e com faltas de oportunidades, o que dificulta a leitura geográfica existente no campo como espaço de vida e de vivência, ao desqualificarem esse espaço com faltas, principalmente em relação às políticas públicas. Enquanto que a cidade é o espaço do moderno e das possibilidades de estudo e trabalho, além disso reproduzem a distinção quanto ao modo de vida reforçando a dicotomia existentes nas relações rurais-urbanas.

Ao problematizar essa simplificação faz-se necessário repensar em novas formas de trabalhar esses conteúdos, baseado na desconstrução de abordagens tradicionais. Atualmente, é fácil identificar por exemplo, a diversidade e complexidade das urbanidades e ruralidades presentes em ambos os espaços como elementos que pareciam exclusivos da cidade (internet, serviços, comércios) já se fazem presente no campo e na comunidade, assim como costumes e valores que interagem entre esses espaços. Então porque os alunos continuam tendo uma visão limitada do campo e sua relação com a cidade? Faz -se necessário refletir neste momento que tipo de Geografia se ensina para estas realidades.

A ciência Geográfica é holística, torna-se impossível analisar os fenômenos sem uma totalidade, ou seja, de forma crítica e dialética. Além disso, as categorias de análises geográficas possibilitam ter essa interrelação. Cavalcanti (2011) chama a atenção que muitas pesquisas referentes ao ensino focam somente na questão metodológica para se trabalhar os conteúdos em sala de aula, porém, reforça a discussão teórica sobre o processo de conhecimento, ou seja uma discussão epistemológica mais consistente. “Quando se negligencia essa discussão, corre-se o risco de se trabalhar com o superficial, com os desdobramentos aparentes dos fenômenos, com as decorrências, sem compreender os nexos internos e externos da realidade que se estuda.” (Cavalcanti, 2011, pág. 197). Esse trecho refere-se ao risco do ensino empirista, “Essa é uma prática consagrada; nela os professores se dedicam a ensinar os objetos, as coisas, os fatos e acontecimentos, mas não os processos, não os modos de análise próprios da ciência.” (Cavalcanti, 2011, pag.197).

Partindo do entendimento que não se pode analisar a relação urbano-rural de forma dicotômica Rua e Simoni (2020) baseado na ideia de “urbanidades no rural” em que considera esses espaços híbridos, onde o urbano e rural se combinam e interagem, pensando no ensino de Geografia esses autores contribuem no sentido de repensar as relações urbano-rurais em específico no âmbito da Geografia Rural partindo da perspectiva de um espaço integrado e multidimensional, a fim de romper com as tradicionais amarras dicotômicas que obscurecem a análise geográfica, segundo os autores:

Buscar romper com os estereótipos que marcam as relações urbanas-rurais; nesse ponto trabalhar as desigualdades sociais como características do capitalismo: segregação socioespacial no campo\ou na cidade, evidenciando que espaço de recria de forma diferente e que se complementam, na qual, pode-se desconstruir estereótipos como o rural lugar de paz e tranquilidade e ausência de “progresso” assim como, espaço somente do setor primário, dessa forma, as provocações devem ser voltadas para as manifestações das urbanidades no rural.

Ressignificar a natureza nas relações urbano-rurais; relaciona-se a paisagem natural ao espaço rural, o que remete a ideia da presença da natureza, sobretudo, que precisa ser transformado numa perspectiva produtivista. Nesse sentido, ressalta-se os diversos usos na natureza tanto no âmbito preservacionista, quanto na mercantilização desta. Neste momento a resignificação da natureza se relaciona com diversos elementos das distintas dimensões representantes de distintas urbanidades

no rural, podendo haver as mesclagens de elementos de cada uma das dimensões (natural, simbólico-cultural, socioeconômica e técnica).

(Re) conhecer os sujeitos sociais produtores do espaço e a importância nas transformações ocorridas nas relações urbano-rurais; ou seja, demonstrar a difusão ideológica e comportamental urbana nos espaços rurais (hábitos, costumes) assim como, identificar as práticas espaciais dos diferentes sujeitos sociais entrelaçados nas relações de poder que se materializam de forma desigual, essa pluralidade de sujeitos produtores do espaço deve constar na escolarização, as relações contraditórias (desigualdades nas vivências das escalas espaciais) devem ser apontadas e problematizadas.

Compreender as armadilhas espaciais e territoriais como fatores limitantes para a análise geográfica das relações urbanos-rurais; refere-se as armadilhas de não entendimento do espaço como totalidade, ou seja, a visão fragmentada considerando os conceitos de espaço e território, na qual compreende-se o espaço como “multiescalar por estarem integrados a sistemas de objetos e de ações levadas a cabo por aqueles que atuam produzindo esse espaço nas distintas e simultâneas escalas que tais ações admitem” (RUA, SIMONI, 2010, pag.20).

Cavalcanti (2012) pensa ao papel da geografia escolar nas mudanças atuais da sociedade, indicando novos conteúdos e questiona os métodos tradicionais. Diante das mudanças no âmbito do ensino geográfico, a nova abordagem deve estar ancorada na cidadania e na participação política coletiva, “essa participação está ligada à democracia participativa, ao pertencimento à sociedade. Assim, nesse conceito, pressupõe-se a conexão entre espaço público e construção da identidade dos cidadãos” (CAVALCANTI, 2012, pag.45-46).

Ou seja, pensar o lugar de vivência do aluno no processo de ensino aprendizagem, sobretudo nas espacialidades das coisas e dos fenômenos que se materializam em suas realidades, tendo como objeto de estudo o espaço geográfico e a relação dialética existente nele, assim o campo e a cidade como conteúdo escolar devem ser concebidos em sua totalidade e na diversidade, relacionando com o modo de vida que são fundamentais na formação da identidade e pertencimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a fazer uma análise das concepções de Rural e Urbano, campo e cidade e suas relações a partir das concepções de alunos de uma escola do campo com vivências rurais. A escola escolhida se insere dentro da política pública de Educação do Campo, portanto o enfoque é sobre a realidade amazônica, neste sentido, buscou-se evidenciar as discussões embruscadas nesse tema com o intuito de refletir e visibilizar as práticas de ensino em Geografia que se materializam nesses espaços.

O diagnóstico das concepções dos alunos apontou uma tendência dicotômica das categorias campo e cidade, o que demonstra uma falta de instrumentalização e mediação didática adequada a esses conceitos, nas quais obscurece o verdadeiro entendimento existentes das complexas relações atuais entre ambos. Deve-se ter em mente que o rural e urbano, as ruralidades e urbanidades vão além da cidade e do campo como materialidade, pois interagem. Já a cidade e campo são espaços distintos que possuem uma relação complexa que vai além do âmbito econômico e interdependente, podendo ser analisados culturalmente e socialmente, pelo qual mantém suas especificidades que se relacionam de maneira complexa.

Nesse sentido, a identificação desta fragilidade no ensino geográfico no âmbito da realidade campesina, possibilita uma reflexão sobre a prática de ensino e quanto a formação docente, no sentido de provocar questionamentos sobre a melhoria do ensino aprendizagem na educação básica e na formação acadêmica.

Desse modo, a reflexão parte principalmente sobre o ensino de Geografia sobre as categorias rural e urbano, identificar a leitura geográfica dos alunos desta pesquisa possibilitou uma reflexão acerca da forma como esses conteúdos são abordados em sala de aula, no sentido de fomentar o pensamento crítico e a cidadania dos povos do campo, assim como desconstruir o ensino tradicional e acrítico. Mediante aos resultados apresentados sobre as concepções dos estudantes, esta pesquisa possibilitou pensarmos a partir de dois pontos principais: formação docente referente a didática no ensino de Geografia e na contribuição da leitura geográfica sobre as relações rurais-urbanas.

Vimos que a educação se constitui desde o Brasil colônia e embora esteja institucionalizada há muito tempo ainda permanece no “casulo”, sua transformação se

materializa de forma lenta e gradual. São muitos os desafios a serem superados, desde aos retrocessos ligados diretamente aos cortes públicos o que torna limitante sua atuação e também a interferência no currículo distribuído de forma desconexa. Podemos perceber essa discussão com Whitaker (2008) ao discutir o modelo de educação rural-urbana oferecida a realidade rural que segue uma lógica urbanocêntrica, sociocêntrica e etnocêntrica. Por analogia, Haje (2005) reforça ao apresentar as dificuldades da efetivação da política pública de Educação do Campo referente a realidade Amazônica. Essas ações demonstram que o sistema educacional brasileiro tem muito a melhorar e embora seja defasado e precário ainda resiste, entretanto, é preciso lutar pelo o ensino público e de qualidade, pois é a partir das minorias e da construção de uma consciência de classe que se alcança mudanças.

O projeto de educação no e do campo se faz presente nesse contexto, visto que, nasce da luta de classe e na reivindicação de direitos básicos às populações invisibilizadas além disso, possui papel contra hegemônico e reivindica a construção de uma nova educação pautada na desconstrução de antigos paradigmas retrógrados. Tal como, enfatizado anteriormente, a Educação do Campo ainda está em construção, porém, representa um marco na história educacional. Esse fato demonstra a importância da educação no exercício da cidadania e na participação dos povos do campo na reivindicação de direitos e na melhoria desta realidade.

As descobertas da pesquisa foram satisfatórias e a técnica de pesquisa deu conta de responder as questões e os objetivos propostos. Todavia, a partir dessas descobertas se abrem novas possibilidades de pesquisas no âmbito da Educação do Campo relacionadas ao ensino de Geografia referente a diversidade da Amazônia afim de valorizar a identidade dos grupos e povos tradicionais e as diferentes relações existentes nesses espaços. É de grande importância tratar desse tema na formação acadêmica para preparar o professor aos desafios e diversidade existente na nossa região. Portanto, é notório que em relação a educação há muito a superar. No entanto, o professor de Geografia deve pensar novas formas de ensinar, assim como buscar se capacitar e dominar o campo teórico geográfico para garantir a autonomia do saber em sala de aula, com o intuito de construir novas geografias.

REFERÊNCIAS

- ARCANJO, Fernanda; HANASHIRO, Midori. **A história da educação no Brasil**. biblioteca24horas, 2010.
- BAGLI, Priscilla. **Rural e urbano nos municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema: dos mitos pretéritos às recentes transformações**. 2006. 206 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2006.
- BATISTA, Edimar E. **Análise de concepções de campo e de cidade de alunos de áreas rurais e urbanas e a aprendizagem geográfica**. 314f. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Brasil Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI. Educação do Campo: marcos normativos/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão** – Brasília: SECADI, 2012.
- BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, v. 3, n. 2, 2016.
- CALDART, Roseli Salete. Sobre educação do campo. III Seminário do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). **Luziânia, Goiás**, 2012.
- CALDART, S, R et. Al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012.
- CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos sociedade e agricultura**, 1998.
- CARVALHO, Rosivaldo Batista de. **Almanaque Monte Alegre 2010**\ Rosivaldo Batista de Carvalho-2 ed. ampl. e atual-Santarém, PA: Editora Brasil, 2010.
- VANZELLA CASTELLAR, S. M. A Formação de Professores e o Ensino de Geografia. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 51–59, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/374>. Acesso em: 31 jan. 2023.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensinar Geografia para a autonomia do pensamento: o desafio de superar dualismos pelo pensamento teórico crítico. 2011.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 45 – 47
- CAVALCANTI, Lana. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol.25,n.66,p.185-207,maio\agosto2005.
- DA SILVA, José Graziano; GROSSI, E. D. **O novo rural brasileiro: uma atualização para 1992-98**. Technical report, UNICAMP, 2001.
- DE FIGUEIREDO, Tássia Gabriele Balbi et al. Ensino de Geografia, Educação Rural e Educação do Campo: Modernidade, Subalternidade e Resistência. **Revista Tamoios**,v.5,n.2,.16-40,2009.
- DE MEDEIROS HESPANHOL, Rosângela Ap. CAMPO E CIDADE, RURAL E URBANO NO BRASIL CONTEMPORANEO. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 12, n. 2, p. 103-112, 2013. ISSN 1984-2201.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. **Educação do campo e pesquisa:**

- questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário**, p. 27-40, 2006.
- FREITAS, Helena Célia. Rumos da educação do campo. **Em aberto**, v. 24, n. 85, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **ERA-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.25, n.2, p.57-63, 1995.
- HAGE, Salomão Mufarrej. Educação na Amazônia: Identificando singularidade e suas implicações para a construção de propostas e políticas educativas e curriculares. In: HAJE, Salomão Mufarrej (Org) **Educação do campo na Amazônia: Retratos e realidade das Escolas Multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica Gutemberg Ltda, 2005a.
- HAGE, Salomão Mufarrej. Classes multisseriadas: desafios da educação rural no Estado do Pará \ Região amazônica. In: Haje, Mufarrej (Org). **Educação do Campo na Amazônia; Retratos e realidades das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica Gutemberg Ltda, 2005b.
- HAJE, S, M, CRUZ, R, C. **Movimento de Educação do Campo na Amazônia Paraense: Ações e reflexões articulam protagonismo, precarização e regulação**. 37ª Reunião Nacional ANPED-04 a 08 de outubro de 2015 UFSC, Florianópolis.
- LEITE, Sérgio Celani et al. Urbanização do processo escolar rural. 1996.
- MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. **Terra livre**, n. 19, 2002.
- MARSCHNER, Walter Roberto. As representações do espaço rural na literatura modernista, a exemplo do personagem Jeca Tatu. **Estudos de Sociologia**, v. 2, n. 21, p. 393-414, 2015.
- NETO, Luiz Bezerra. Ruralismo pedagógico e as propostas nacionalista. In: Educação rural no Brasil: do ruralismo pedagógico ao movimento por uma educação do campo / Luiz Bezerra Neto. **Uberlândia: Navegando Publicações**, 2016. p. 15,20.
- NUNES, Carla Cristiane. **É muito difícil você ver uma carroça no centro da cidade: crianças de Juiz de Fora (MG) e suas representações de cidade e campo**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.
- PIRES, M, A. A Educação do campo e no campo: **Uma conquista dos povos do Campo**. In: **Educação do campo como direito humano**. -São Paulo: Cortez, 2012. - (coleção educação em direitos humanos; v. 4)
- RUA, João, SIMONI, Joana Cruz. Repensando as relações urbano-rurais no ensino escolar: um diálogo entre professores. **Geo. UERJ**, Rio de Janeiro, n 37, 2020.
- SIMÕES, Willian; TORRES, Miriam Rosa: Educação do Campo: por uma superação da Educação Rural no Brasil. Curitiba 2011.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth. A ruralidade no Brasil moderno. Por en pacto social pelo desenvolvimento rural. En publicacion: Una Nueva ruralidad en AméricaLatina. Norma Giarracca. **CLACSO, Consejo Latino americano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina**. 2001.
- WHITAKER, D. C. A. O Rural Urbano e a Escola Brasileira. **Retratos de Assentamentos**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 283-293, 2008.

APÊNDICE: QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Série: _____

Idade: _____

Assunto: Espaço Rural e Urbano

Objetivo: Identificar a concepção dos alunos sobre rural e urbano, campo e cidade

Questão 1: Você já estudou em seu processo de escolarização os conteúdos: rural\campo e urbano e cidade?

Sim () não ()

Questão 2: Você mora no campo ou na cidade? Considerando o seu lugar de vivência, faça uma pequena descrição do lugar onde você vive.

Questão 3: Em sua opinião, como você define o campo?

Questão 4: Crie uma frase como você define urbano

Questão 5: Crie uma frase como você define rural

Questão 6: Com base no quadro abaixo, defina através de palavras o que você concebe e entende o que seja o rural e urbano.

Rural	Urbano

Questão 7: Se caso você pudesse escolher ente campo e cidade para viver, onde você viveria e por quê?

Questão 8: Com base na sua preferência para morar e estudar, quais são os aspectos que você define como positivo e negativo de:

Cidade		Campo	
Negativo	positivo	Negativo	Positivo

Questão 9: Em sua concepção qual a relação existente atualmente, entre o campo e a cidade?

ANEXO: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: Geografia e Ensino: Concepções de Rural e Urbano dos alunos do 9º ano da Escola no campo Jaquara II

As informações contidas nestas folha, fornecidas por _____ têm por objetivo firmar acordo escrito com o(a) voluntária(o) para participação da pesquisa acima referida, autorizando sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que ela(e) será submetida(o).

1) Natureza da pesquisa: Esta pesquisa tem como finalidades: Analisar as categorias de análise Rural e Urbano de acordo com as concepções dos alunos, tendo em vista o ensino de geografia como ponto principal.

2) Participantes da pesquisa: 32 alunos do 9º Ano

3) Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você contribui a fornecer dados para a finalização da monografia e para fins da reflexão e construção do conhecimento científico referente ao Ensino de Geografia. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do coordenador do projeto e, se necessário, por meio do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

4) Sobre a aplicação do questionário: Será aplicado em sala de aula juntamente com a supervisão do pesquisador e professor responsável pela Turma.

5) Riscos e desconforto: Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Brasília – DF. (especificar aqui possíveis riscos e desconfortos gerados durante a pesquisa).

6) Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os dados da(o) voluntária(o) serão identificados com um código, e não com o nome. Apenas os membros da pesquisa terão conhecimento dos dados, assegurando assim sua privacidade.

7) Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes que deve acrescentar elementos importantes à literatura, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

8) Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa ao autorizar sua participação nesta pesquisa, bem como nada será pago pela participação.

9) Liberdade de recusar ou retirar o consentimento: Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem penalizastes.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____
após a leitura e compreensão destas informações, entendo que a participação
de _____ sob minha responsabilidade, é voluntária, e
que ele(a) pode sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confiro que
recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de
pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Santarém, _____ / _____ / _____

Telefone para contato: (93) 991898029

Assinatura

Responsável: _____

Assinatura

Pesquisador: _____
